RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

CORPOS E MODOS DE SUBJETIVAÇÕES: UM OLHAR TRANSDISCIPLINAR

BODIES AND MODES OF SUBJECTIVATION: A TRANSDISCIPLINARY PERSPECTIVE

CUERPOS Y MODOS DE SUBJETIVACIÓN: UNA MIRADA TRANSDISCIPLINARIA

Murilo Leonardo da Cunha
Psicólogo Clínico. Docente das SEDUCs Recife/Jaboatão-PE.
E-mail: murilo_vitoria@yahoo.com.br

Allyne Evellyn Freitas Gomes
Centro Universitário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA), Vitória de Santo Antão, Pernambuco, Brasil. Mestre em Psicologia Cognitiva UFPE e docente do curso de Bacharelado em Psicologia.
E-mail: allyne.gomes@univisa.edu.br

Resumo

O presente artigo analisa os processos de constituição dos corpos e das subjetivações a partir de uma perspectiva transdisciplinar, articulando contribuições da Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Educação e Estudos de Gênero. Parte-se da compreensão de que o corpo ultrapassa sua dimensão biológica, configurando-se como uma construção histórica, cultural, política e simbólica, permanentemente atravessada por relações de poder, discursos, práticas sociais e experiências subjetivas. A pesquisa fundamenta-se em abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica, mobilizando autores como Michel Foucault, Judith Butler, Simone de Beauvoir, David Le Breton, Marcel Mauss, Serge Moscovici, Paul Schilder, Byung-Chul Han, Jean Baudrillard, Guy Debord, Zygmunt Bauman, Guacira Lopes Louro, Pierre Weil, Thérèse Bertherat, Basarab Nicolescu, Edgar Morin, Ubiratan D'Ambrosio, Roberto Crema e Américo Sommerman. A análise evidencia que os processos de subjetivação são produzidos na interação entre corpo, cultura, linguagem, identidade, gênero, sexualidade, consumo, mídia, tecnologias digitais e instituições sociais. Sob a ótica da transdisciplinaridade,

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

defende-se que a compreensão da corporeidade requer o diálogo entre diferentes campos do conhecimento, superando perspectivas reducionistas e fragmentadas. Conclui-se que o paradigma transdisciplinar amplia as possibilidades de compreensão do corpo como espaço de produção de sentidos, identidade, resistência, cuidado, saúde mental e transformação social, contribuindo para práticas educativas, clínicas e sociais mais integradoras e humanizadas.

Palavras-chave: Corpo; Corporeidade; Subjetivação; Transdisciplinaridade; Identidade; Poder; Cultura.

Abstract

This article analyzes the processes of body constitution and subjectivation from a transdisciplinary perspective, articulating contributions from Philosophy, Sociology, Anthropology, Psychology, Education, and Gender Studies. It is based on the understanding that the body transcends its biological dimension, being configured as a historical, cultural, political, and symbolic construction, constantly shaped by power relations, discourses, social practices, and subjective experiences. The research adopts a qualitative approach, based on bibliographic analysis, drawing on authors such as Michel Foucault, Judith Butler, Simone de Beauvoir, David Le Breton, Marcel Mauss, Serge Moscovici, Paul Schilder, Byung-Chul Han, Jean Baudrillard, Guy Debord, Zygmunt Bauman, Guacira Lopes Louro, Pierre Weil, Thérèse Bertherat, Basarab Nicolescu, Edgar Morin, Ubiratan D'Ambrosio, Roberto Crema, and Américo Sommerman. The analysis demonstrates that processes of subjectivation are produced through the interaction between body, culture, language, identity, gender, sexuality, consumption, media, digital technologies, and social institutions. From a transdisciplinary perspective, it argues that understanding corporeality requires dialogue among different fields of knowledge, overcoming reductionist and fragmented approaches. It concludes that the transdisciplinary paradigm expands the possibilities of understanding the body as a space for the production of meanings, identity, resistance, care, mental health, and social transformation, contributing to more integrative and humanized educational, clinical, and social practices.

Keywords: Body; Corporeality; Subjectivation; Transdisciplinarity; Identity; Power; Culture.

Resumen

El presente artículo analiza los procesos de constitución de los cuerpos y de las subjetivaciones desde una perspectiva transdisciplinaria, articulando contribuciones de la Filosofía, Sociología, Antropología, Psicología, Educación y Estudios de Género. Se parte de la comprensión de que el cuerpo trasciende su dimensión biológica, configurándose como una construcción histórica, cultural, política y simbólica, atravesada permanentemente por relaciones de poder, discursos, prácticas sociales y experiencias subjetivas. La investigación se fundamenta en un enfoque cualitativo, de carácter bibliográfico, incorporando aportes de autores como Michel Foucault, Judith Butler, Simone de Beauvoir, David Le Breton, Marcel Mauss, Serge Moscovici, Paul Schilder, Byung-Chul Han, Jean Baudrillard, Guy Debord, Zygmunt Bauman, Guacira Lopes Louro, Pierre Weil, Thérèse Bertherat, Basarab Nicolescu, Edgar Morin, Ubiratan D'Ambrosio, Roberto Crema y Américo Sommerman. El análisis evidencia que los procesos de subjetivación se producen en la interacción entre cuerpo, cultura, lenguaje, identidad, género, sexualidad, consumo, medios de comunicación, tecnologías digitales e instituciones sociales. Desde la perspectiva de la transdisciplinariedad, se sostiene que la comprensión de la corporeidad requiere el diálogo entre diferentes campos del conocimiento, superando perspectivas reduccionistas y fragmentadas. Se concluye que el paradigma transdisciplinario amplía las posibilidades de comprender el cuerpo como un espacio de

CC BY

ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

producción de sentidos, identidad, resistencia, cuidado, salud mental y transformación social, contribuyendo a prácticas educativas, clínicas y sociales más integradoras y humanizadas.

Palabras clave: Cuerpo; Corporeidad; Subjetivación; Transdisciplinariedad; Identidad; Poder; Cultura.

1 Introdução

Os estudos sobre os corpos constitui um dos campos mais relevantes das Ciências Humanas e Sociais contemporâneas, uma vez que sua compreensão ultrapassa os limites da dimensão biológica e alcança aspectos históricos, culturais, políticos, simbólicos e subjetivos. Ao longo da história, diferentes sociedades atribuíram significados diversos ao corpo, estabelecendo normas, valores e práticas que orientam modos de viver, sentir, expressar-se e relacionar-se. Dessa forma, o corpo não pode ser compreendido apenas como organismo físico, mas como espaço de produção de identidades, experiências, afetos, relações de poder e processos de subjetivação.

Na contemporaneidade, marcada pela globalização, pelo avanço das tecnologias digitais, pela intensificação das relações de consumo e pela circulação massiva de informações, o corpo assume centralidade nas discussões sobre identidade, gênero, sexualidade, saúde mental, diversidade, performance e pertencimento social. As mídias digitais e os dispositivos tecnológicos influenciam significativamente a construção da imagem corporal, a constituição das subjetividades e os modos pelos quais os indivíduos percebem a si mesmos e aos outros. Nesse contexto, ampliam-se tanto as possibilidades de expressão quanto as formas de controle, disciplinamento e normalização dos corpos.

Sob essa perspectiva, Foucault (2014) demonstra que os corpos são produzidos por dispositivos de poder que regulam comportamentos, instituem normas e modelam subjetividades. Paralelamente, Butler (2019) evidencia que gênero e identidade constituem construções sociais performativas, enquanto Breton (2011) compreende o corpo como fenômeno cultural, inseparável das experiências sociais e simbólicas. Han (2015), por sua vez, analisa os impactos da sociedade do desempenho sobre o corpo contemporâneo, marcado pela intensificação da produtividade, da autoexploração e do sofrimento psíquico.

Entretanto, compreender a complexidade da corporeidade exige superar abordagens fragmentadas e disciplinares. Nesse sentido, a transdisciplinaridade apresenta-se como um paradigma epistemológico capaz de integrar diferentes áreas do conhecimento na análise dos fenômenos humanos. As contribuições de

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

Nicolescu (1999), Morin (2011), D'Ambrosio (1997), Weil (1993) e Sommerman (2006) defendem uma compreensão sistêmica da realidade, reconhecendo a interdependência entre dimensões biológicas, psicológicas, sociais, culturais, éticas e espirituais da existência humana.

Assim, este artigo propõe uma reflexão transdisciplinar acerca dos corpos e dos processos de subjetivação, considerando as contribuições da Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Educação e Estudos de Gênero. Busca-se compreender como as relações sociais, os discursos, as instituições, as práticas culturais e os dispositivos de poder participam da construção das identidades e da constituição das subjetividades na sociedade contemporânea. Ao integrar diferentes referenciais teóricos, pretende-se ampliar a compreensão da corporeidade como categoria fundamental para a análise das transformações sociais, culturais e educacionais do mundo atual.

Considerando que o corpo constitui uma construção histórica, cultural, política e simbólica, atravessada por relações de poder, práticas sociais e processos subjetivos, emerge a seguinte questão norteadora:

Como os processos de subjetivação são produzidos por meio das relações entre corpo, cultura, poder, identidade, gênero, consumo e tecnologias contemporâneas, e de que maneira a perspectiva transdisciplinar contribui para uma compreensão integrada da corporeidade na sociedade contemporânea?

Objetivo Geral: Analisar os processos de constituição dos corpos e dos modos de subjetivação na contemporaneidade, a partir de uma perspectiva transdisciplinar, articulando contribuições da Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Educação e Estudos de Gênero para compreender a corporeidade como construção histórica, cultural, política e subjetiva.

Objetivos Específicos: Compreender as diferentes concepções de corpo e corporeidade nas perspectivas histórica, filosófica, psicológica, antropológica e sociológica; Analisar as contribuições de Michel Foucault para a compreensão das relações entre corpo, poder, disciplina, biopolítica e processos de subjetivação; Discutir as construções sociais de identidade, gênero e sexualidade a partir das contribuições de Butler, de Beauvoir e Louro; Examinar as influências da sociedade de consumo, do espetáculo, das mídias digitais e da cultura contemporânea sobre a construção da imagem corporal e das subjetividades; Investigar a comunicação não verbal, a consciência corporal e as abordagens psicocorporais na compreensão da experiência humana; Analisar as contribuições das representações sociais, da imagem corporal e da saúde mental para os estudos da corporeidade; Discutir os fundamentos da transdisciplinaridade como paradigma epistemológico para a compreensão da complexidade dos fenômenos humanos e

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

por fim Refletir sobre as implicações educacionais, sociais e culturais decorrentes da compreensão transdisciplinar do corpo e dos processos de subjetivação.

Diante disso, a presente pesquisa justifica-se pela crescente relevância dos estudos sobre corpo e subjetividade diante das profundas transformações sociais, culturais, tecnológicas e educacionais que caracterizam a contemporaneidade. O corpo tornou-se um dos principais espaços de produção de identidades, expressão das diferenças, manifestação das relações de poder e construção das experiências individuais e coletivas, tornando indispensável sua investigação sob perspectivas múltiplas e integradas.

No âmbito científico, o estudo contribui para ampliar o diálogo entre diferentes campos do conhecimento, reconhecendo que fenômenos complexos, como a corporeidade e os processos de subjetivação, não podem ser explicados por uma única disciplina. A perspectiva transdisciplinar favorece a construção de conhecimentos mais abrangentes, articulando saberes provenientes da Filosofia, Sociologia, Antropologia, Psicologia, Educação, Comunicação e Estudos de Gênero.

Do ponto de vista social, compreender como discursos, práticas culturais, tecnologias digitais, instituições e relações de poder influenciam a constituição dos sujeitos torna-se essencial para enfrentar problemáticas relacionadas à discriminação, às desigualdades de gênero, às violências simbólicas, aos padrões estéticos, ao sofrimento psíquico e às diversas formas de exclusão social. Essa compreensão possibilita o fortalecimento de práticas voltadas à promoção da diversidade, da inclusão, da saúde mental e do respeito às diferenças.

No campo educacional, a pesquisa oferece subsídios para a formação de profissionais capazes de desenvolver práticas pedagógicas mais críticas, inclusivas e humanizadas, reconhecendo o corpo como dimensão constitutiva dos processos de aprendizagem, das relações sociais e da produção do conhecimento. Além disso, fortalece a reflexão sobre a necessidade de integrar diferentes saberes na construção de propostas educativas comprometidas com a formação integral dos sujeitos.

Por fim, este estudo reafirma a pertinência da transdisciplinaridade como paradigma epistemológico para compreender a complexidade da condição humana. Ao articular diferentes referenciais teóricos, busca-se contribuir para o avanço das pesquisas sobre corpo, corporeidade e subjetivação, oferecendo uma leitura crítica e integrada dos desafios impostos pela sociedade contemporânea.

2 Metodologia

2.1 Caracterização da pesquisa

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica e caráter exploratório-descritivo, fundamentada no paradigma epistemológico da transdisciplinaridade e da complexidade. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela necessidade de compreender os sentidos, significados e múltiplas dimensões que constituem os processos de formação do corpo e das subjetividades, considerando sua construção histórica, social, cultural, política e simbólica.

De acordo com Minayo (2014), a pesquisa qualitativa possibilita a investigação aprofundada dos fenômenos sociais ao privilegiar a compreensão dos significados, das interpretações e das relações estabelecidas pelos sujeitos em seus diferentes contextos. Nesse sentido, esta pesquisa não tem como finalidade estabelecer relações causais ou produzir generalizações estatísticas, mas desenvolver uma interpretação crítica dos processos de constituição da corporeidade e das formas de subjetivação na contemporaneidade.

2.2 Natureza e objetivos da investigação

Quanto aos seus objetivos, a pesquisa apresenta caráter exploratório e descritivo. O caráter exploratório evidencia-se pela busca de ampliação da compreensão acerca das diferentes perspectivas teóricas relacionadas ao corpo, à corporeidade e aos processos de subjetivação, estabelecendo aproximações e diálogos entre distintos campos do conhecimento.

O caráter descritivo, por sua vez, manifesta-se na sistematização de conceitos, categorias analíticas e referenciais teóricos que possibilitam compreender o corpo como uma construção histórica e sociocultural, atravessada por relações de poder, processos identitários, questões de gênero, sexualidade, saúde mental, educação e diferentes modos de existência.

2.3 Procedimentos metodológicos

Os procedimentos metodológicos fundamentam-se na pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir do levantamento, seleção, leitura crítica e análise de produções científicas relacionadas ao objeto de estudo. Foram consideradas obras acadêmicas, tais como livros, capítulos de livros, artigos científicos, teses e dissertações que abordam as categorias centrais desta investigação: corpo, corporeidade, subjetivação, identidade, poder, cultura e educação.

Segundo Gil (2019), a pesquisa bibliográfica possibilita ao pesquisador construir uma compreensão aprofundada sobre determinado fenômeno a partir da análise do conhecimento científico já produzido, favorecendo interpretações críticas, comparativas e reflexivas. Dessa forma, o estudo foi conduzido por meio de uma revisão crítica da literatura, buscando identificar contribuições teóricas,

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

aproximações conceituais e diferentes perspectivas de análise acerca do corpo e dos processos de constituição das subjetividades.

2.4 Referencial teórico e categorias analíticas

O percurso analítico da pesquisa organiza-se a partir de uma abordagem transdisciplinar, articulando diferentes áreas do conhecimento que contribuem para a compreensão do corpo enquanto fenômeno complexo, multidimensional e historicamente constituído.

No campo da Filosofia e da Sociologia, destacam-se as contribuições de Michel Foucault, Byung-Chul Han, Jean Baudrillard, Guy Debord, Zygmunt Bauman e David Le Breton, cujas reflexões possibilitam compreender as relações entre corpo, poder, consumo, controle social e modos contemporâneos de subjetivação.

Nos estudos de gênero, identidade e sexualidade, a pesquisa dialoga com Judith Butler, Simone de Beauvoir e Guacira Lopes Louro, especialmente no que se refere à construção social dos corpos, das identidades e das diferenças.

A perspectiva antropológica é desenvolvida principalmente a partir das contribuições de Marcel Mauss e David Le Breton, compreendendo o corpo como fenômeno cultural, simbólico e socialmente construído. No campo da Psicologia e das abordagens psicocorporais, são incorporadas as contribuições de Serge Moscovici, Paul Schilder, Pierre Weil, Thérèse Bertherat, Wilhelm Reich e Alexander Lowen, ampliando a compreensão das relações entre corpo, percepção, emoção e subjetividade.

No âmbito da Educação e dos estudos da complexidade, a investigação fundamenta-se nas contribuições de Edgar Morin, Basarab Nicolescu, Ubiratan D'Ambrosio, Roberto Crema e Américo Sommerman, cujas perspectivas possibilitam pensar a produção do conhecimento para além da fragmentação disciplinar.

2.5 Fundamento epistemológico: transdisciplinaridade e complexidade

A transdisciplinaridade constitui o principal eixo epistemológico e metodológico desta investigação. Diferentemente das abordagens multidisciplinar e interdisciplinar, a perspectiva transdisciplinar busca superar os limites tradicionais entre os campos científicos, promovendo o diálogo entre diferentes níveis de realidade e formas de conhecimento.

Conforme Nicolescu (1999), a transdisciplinaridade fundamenta-se em três pilares: os múltiplos níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade. Essa perspectiva permite compreender os fenômenos humanos em

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

sua integralidade, evitando reducionismos e reconhecendo a interdependência entre as diferentes dimensões que constituem a experiência humana.

Em consonância com Morin (2015), a pesquisa adota o paradigma da complexidade como fundamento para compreender que os fenômenos humanos são constituídos por relações indissociáveis entre aspectos biológicos, psicológicos, sociais, culturais, históricos, éticos e ambientais. Dessa forma, o conhecimento é compreendido não como resultado da fragmentação dos saberes, mas como processo de articulação entre diferentes perspectivas capazes de revelar a complexidade do real.

As contribuições de Ubiratan D'Ambrosio, Pierre Weil, Roberto Crema e Américo Sommerman ampliam essa abordagem ao defenderem uma produção do conhecimento orientada pela integração entre ciência, cultura, educação, ética, espiritualidade e experiência humana.

2.6 Estratégia de análise e interpretação

A análise do material bibliográfico será realizada por meio de uma leitura interpretativa, crítica e reflexiva das obras selecionadas, buscando identificar categorias teóricas recorrentes, relações conceituais e diferentes formas de compreensão do corpo e da subjetividade.

A perspectiva transdisciplinar permitirá articular os diversos referenciais teóricos sem reduzir a complexidade do objeto investigado, reconhecendo que os processos de subjetivação são constituídos por múltiplas dimensões que se relacionam continuamente. Assim, o corpo será compreendido como espaço de experiências, memórias, significações, relações de poder, construção identitária e produção cultural.

2.6 Aspectos éticos

Por se tratar de uma pesquisa exclusivamente bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de obras científicas publicadas e de acesso público, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme estabelecido pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que dispõe sobre as normas aplicáveis às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais.

3 Fundamentação Teórica

3.1 Corpos e corporeidade na perspectiva histórica, filosófica, psicológica, antropológica e sociológica: um ponto de partida

A compreensão do corpo humano constitui um dos objetos mais complexos das Ciências Humanas e Sociais, uma vez que envolve dimensões biológicas,

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

históricas, filosóficas, psicológicas, antropológicas, sociológicas, culturais e políticas. Ao longo da história, o corpo deixou de ser concebido exclusivamente como organismo biológico para ser compreendido como uma construção social, simbólica e cultural, permeada por significados produzidos em diferentes contextos históricos. Dessa forma, a corporeidade representa uma dimensão constitutiva da existência humana, expressando modos de ser, perceber, agir e relacionar-se com o mundo.

Na perspectiva histórica, as concepções de corpo modificaram-se conforme as transformações sociais e culturais. Nas sociedades antigas, especialmente na Grécia clássica, o corpo era frequentemente associado aos ideais de beleza, harmonia e equilíbrio, refletindo valores éticos e estéticos que orientavam a formação do cidadão. Em contrapartida, durante a Idade Média, influenciada pela tradição cristã, predominou uma visão dualista que valorizava a alma em detrimento do corpo, frequentemente relacionado ao pecado, às paixões e à necessidade de disciplina espiritual. Com o Renascimento, o corpo voltou a ocupar posição central nas artes, na ciência e na filosofia, tornando-se objeto de investigação anatômica e de valorização da experiência humana. Na modernidade, o desenvolvimento da medicina, da ciência e das instituições disciplinares intensificou os mecanismos de controle e normalização corporal, fenômeno amplamente analisado por Foucault (1999) em seus estudos sobre biopolítica e poder disciplinar.

No campo filosófico, a reflexão sobre o corpo percorre diferentes tradições do pensamento ocidental. O dualismo cartesiano, formulado por René Descartes, estabeleceu uma separação entre corpo (*res extensa*) e mente (*res cogitans*), influenciando profundamente a ciência moderna ao privilegiar uma compreensão mecanicista do organismo humano. Essa perspectiva contribuiu para a fragmentação do conhecimento sobre o ser humano, reduzindo o corpo à dimensão física e desconsiderando sua inserção histórica, social e existencial.

Em oposição ao dualismo, a fenomenologia propôs uma compreensão integrada da corporeidade. Merleau-Ponty (2014) afirma que o corpo não constitui apenas um objeto localizado no mundo, mas o próprio meio pelo qual o sujeito experiência a realidade. Para o autor, toda percepção é corporal, e é por intermédio do corpo que o indivíduo estabelece relações com os outros, produz sentidos e constrói sua existência. A corporeidade, nessa perspectiva, representa a condição fundamental da experiência humana, articulando percepção, consciência e ação.

Morin (2015) amplia essa compreensão ao defender o paradigma da complexidade, segundo o qual o ser humano deve ser entendido como uma unidade constituída por dimensões biológicas, psíquicas, sociais, culturais, históricas e ecológicas. Para Morin (2015), o conhecimento fragmentado impede a

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

compreensão da realidade humana, sendo necessário reconhecer as relações de interdependência que constituem os fenômenos complexos. Essa concepção dialoga diretamente com os fundamentos da transdisciplinaridade propostos por Nicolescu (1999), que defende a superação das fronteiras disciplinares em favor de uma compreensão integrada dos diferentes níveis de realidade.

Sob a perspectiva antropológica, Mauss (2003) inaugurou uma abordagem inovadora ao demonstrar que os modos de utilizar o corpo são aprendidos socialmente. Em seu clássico ensaio *As Técnicas do Corpo*, o autor evidencia que gestos, posturas, formas de caminhar, alimentar-se, descansar, trabalhar e comunicar-se não são naturais, mas resultado de processos educativos e culturais transmitidos entre gerações. As técnicas corporais variam conforme o contexto histórico e cultural, revelando que o corpo constitui um importante veículo de transmissão de valores e identidades sociais.

Breton (2007) aprofunda essa perspectiva ao compreender o corpo como uma construção simbólica produzida pelas relações culturais. Em *Antropologia do Corpo e Modernidade* e *A Sociologia do Corpo*, o autor argumenta que o corpo representa um espaço privilegiado de produção de significados, por meio do qual os sujeitos expressam pertencimentos, identidades, emoções e formas de interação social. Breton (2007), o corpo não possui significado em si mesmo; seus sentidos são continuamente produzidos pelas culturas, pelas práticas sociais e pelas relações estabelecidas entre indivíduos e coletividades.

Na Sociologia, o corpo é compreendido como categoria social profundamente influenciada pelas instituições, pelas normas e pelas relações de poder. As sociedades estabelecem padrões de beleza, saúde, produtividade, comportamento e sexualidade que orientam as formas pelas quais os indivíduos percebem seus próprios corpos. Essas normas produzem processos de inclusão e exclusão social, influenciando identidades, estilos de vida e modos de subjetivação.

Louro (2018) contribui para essa discussão ao analisar o corpo como espaço de produção das diferenças e das identidades de gênero. Em *O Corpo Educado*, a autora demonstra que instituições como a escola, a família, a religião e os meios de comunicação participam da construção das identidades corporais por meio de discursos, normas e práticas educativas. O corpo é continuamente educado para reproduzir expectativas sociais relacionadas ao gênero, à sexualidade, à masculinidade e à feminilidade, evidenciando que tais categorias são histórica e culturalmente construídas.

No campo da Psicologia, o corpo é compreendido como elemento constitutivo da identidade e da experiência subjetiva. Schilder (1999), em sua obra *A Imagem Corporal*, define a imagem corporal como a representação mental

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

construída pelo indivíduo acerca do próprio corpo, influenciada simultaneamente por fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais. Essa representação interfere diretamente na autoestima, na identidade, nas relações interpessoais e na saúde mental, podendo sofrer alterações em decorrência das experiências de vida, dos padrões socioculturais e das relações estabelecidas com o meio.

As abordagens psicocorporais desenvolvidas por Wilhelm Reich e Alexander Lowen (1995) ampliam essa compreensão ao reconhecer que emoções, conflitos psíquicos e experiências traumáticas manifestam-se também por meio do corpo. Reich propõe que tensões musculares crônicas constituem formas de defesa emocional, denominadas "couraças musculares", enquanto Lowen (1995), por meio da Análise Bioenergética, enfatiza a integração entre corpo, emoção e consciência como condição para o equilíbrio psíquico e a saúde integral. Essas contribuições evidenciam que a corporeidade expressa dimensões subjetivas frequentemente inacessíveis apenas pela linguagem verbal.

Complementando essa abordagem, Weil e Tompakow (2015), em *O Corpo Fala*, demonstram que a comunicação humana transcende a linguagem verbal. Gestos, posturas, expressões faciais, movimentos corporais e o uso do espaço comunicam emoções, intenções e estados afetivos, muitas vezes de forma inconsciente. A comunicação não verbal revela aspectos profundos da subjetividade e constitui importante instrumento para compreender as relações interpessoais, os processos educativos e as práticas terapêuticas.

3.2 Corpo, poder e processos de subjetivação: contribuições de Michel Foucault

A obra de Foucault (1999) representa um marco teórico fundamental para a compreensão das relações entre corpo, poder e subjetivação nas sociedades modernas e contemporâneas. Ao romper com concepções essencialistas do sujeito, o filósofo francês demonstra que a subjetividade não é uma realidade natural ou inata, mas um processo histórico e socialmente produzido por meio de práticas discursivas, instituições, saberes e relações de poder. Nessa perspectiva, o corpo deixa de ser compreendido apenas como suporte biológico da existência para constituir-se como espaço privilegiado de inscrição dos mecanismos de poder, das normas sociais e das tecnologias de governo dos indivíduos.

Para Foucault (1987), o poder não deve ser entendido exclusivamente como uma força centralizada, coercitiva ou pertencente ao Estado. Ao contrário, trata-se de uma rede de relações disseminadas por toda a sociedade, presente nas instituições, nos discursos, nas práticas cotidianas e nos processos de produção do conhecimento. O poder é produtivo porque produz saberes, normas, identidades, comportamentos e formas específicas de subjetividade. Assim, o corpo torna-se

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

simultaneamente objeto e instrumento dessas relações, sendo continuamente modelado, disciplinado e significado.

Em *Vigiar e Punir*, Foucault (1987) analisa a transformação histórica das formas de punição, demonstrando a passagem do suplício público para mecanismos disciplinares mais sutis e eficazes. Enquanto o suplício atingia diretamente o corpo físico por meio da violência visível, a disciplina moderna atua de maneira contínua sobre os gestos, os comportamentos, os tempos, os espaços e as condutas dos indivíduos. O objetivo deixa de ser apenas punir e passa a ser produzir corpos úteis, dóceis e produtivos, capazes de atender às demandas das instituições e da organização social.

Segundo o autor, escolas, quartéis, fábricas, hospitais, prisões e outras instituições modernas compartilham técnicas semelhantes de vigilância, classificação, normalização e avaliação. Esses dispositivos organizam os corpos por meio de horários, regulamentos, exames, hierarquias e controles permanentes, produzindo sujeitos disciplinados que incorporam as normas sociais como parte de sua própria identidade. Desse modo, a disciplina não atua apenas externamente, mas transforma a maneira pela qual os indivíduos percebem a si mesmos e regulam seus comportamentos.

Um dos conceitos centrais desenvolvidos por Foucault é o de corpo dócil, entendido como aquele que pode ser submetido, utilizado, transformado e aperfeiçoado pelas técnicas disciplinares. A docilidade corporal não resulta apenas da coerção física, mas da interiorização das normas e da constante vigilância exercida sobre os indivíduos. O corpo torna-se alvo de investimentos políticos, econômicos e científicos, sendo treinado para alcançar eficiência, produtividade e conformidade com os padrões socialmente estabelecidos.

Para explicar esse processo, Foucault utiliza a metáfora do Panopticon, projeto arquitetônico idealizado por Bentham (2008). Nesse modelo, um único observador pode vigiar continuamente todos os indivíduos sem que estes saibam exatamente quando estão sendo observados. O efeito mais importante do panoptismo não reside na vigilância efetiva, mas na internalização da possibilidade constante de ser observado. Assim, os sujeitos passam a vigiar a si mesmos, reproduzindo espontaneamente as normas sociais. Esse mecanismo permanece atual e pode ser identificado nas organizações, nas escolas, nos ambientes de trabalho e, mais recentemente, nas plataformas digitais e redes sociais, onde a visibilidade permanente favorece processos de autocontrole e autoexposição.

Em *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, Foucault (1999) amplia sua análise ao introduzir o conceito de biopoder, entendido como o conjunto de estratégias por meio das quais o poder passa a administrar a vida das populações.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

Diferentemente do poder soberano, que se fundamentava no direito de "fazer morrer ou deixar viver", o biopoder caracteriza-se pela gestão da vida, buscando "fazer viver e deixar morrer". Essa gestão ocorre por meio de políticas públicas, práticas médicas, estatísticas, campanhas sanitárias, normas de higiene, discursos científicos e regulamentações sobre a sexualidade, a reprodução, a saúde e a família.

Nesse contexto, o corpo transforma-se em objeto privilegiado das políticas de normalização. As ciências médicas, psicológicas, pedagógicas e jurídicas passam a definir critérios de normalidade e anormalidade, estabelecendo padrões considerados desejáveis para o desenvolvimento físico, intelectual, emocional e sexual dos indivíduos. A medicalização da vida cotidiana, a classificação dos comportamentos e a produção de diagnósticos ilustram como o saber científico pode funcionar como tecnologia de poder ao legitimar formas específicas de controle social.

Outro aspecto fundamental da obra foucaultiana refere-se à relação entre poder e produção da verdade. Para Foucault, toda sociedade estabelece regimes de verdade que definem quais discursos são reconhecidos como legítimos e quais saberes são considerados científicos. Essas verdades não são neutras; resultam de disputas históricas e políticas que influenciam diretamente a constituição das subjetividades. Desse modo, as formas de compreender o corpo, a sexualidade, a saúde, a doença, o gênero e a identidade são produzidas por discursos que orientam práticas institucionais e relações sociais.

No campo da sexualidade, Foucault rompe com a hipótese repressiva ao afirmar que a modernidade não silenciou o sexo, mas produziu uma intensa multiplicação de discursos sobre ele. A escola, a medicina, a religião, a família e a psicologia passaram a falar continuamente sobre sexualidade, classificando comportamentos, estabelecendo normas e produzindo categorias indenitárias. Assim, a sexualidade constitui um campo privilegiado de exercício do poder, no qual os sujeitos aprendem a reconhecer, nomear e regular seus próprios desejos.

Essa compreensão conduz ao conceito de processos de subjetivação. Para Foucault (1999), os sujeitos não existem previamente às relações sociais; eles são produzidos por práticas históricas que articulam saber, poder e modos de vida. A subjetivação corresponde ao conjunto de processos pelos quais os indivíduos tornam-se sujeitos de determinadas experiências, identidades e formas de existência. Isso significa que cada sociedade produz modos específicos de ser, sentir, agir e pensar, influenciando profundamente a constituição das identidades individuais e coletivas.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

Entretanto, Foucault (1999) ressalta que o poder nunca é absoluto. Onde há relações de poder, existem igualmente possibilidades de resistência. A resistência manifesta-se por meio da crítica, da criação de novas formas de vida, da contestação das normas e da reinvenção das identidades. Os sujeitos não são meros receptores passivos das estratégias disciplinares; possuem capacidade de questionar, reinterpretar e transformar os discursos que os constituem. Essa compreensão amplia significativamente o conceito de subjetivação, evidenciando seu caráter dinâmico, histórico e aberto às mudanças sociais.

Nos escritos finais, especialmente em *A Hermenêutica do Sujeito* e nos volumes II e III da *História da Sexualidade*, Foucault (2010) desloca seu interesse para as chamadas tecnologias de si, práticas pelas quais os indivíduos exercem um trabalho ético sobre si mesmos. Inspirado na filosofia greco-romana, o autor demonstra que o sujeito pode desenvolver formas de cuidado de si, autoconhecimento e reflexão crítica que favoreçam uma relação mais autônoma com as normas sociais. O cuidado de si não representa um individualismo, mas uma prática ética voltada para a construção consciente da própria existência.

Essa dimensão ética aproxima-se das discussões contemporâneas sobre saúde mental, educação e formação humana. Em sociedades marcadas pelo desempenho, pela hiperconectividade e pela exposição constante nas mídias digitais, os indivíduos são continuamente convocados a gerir seus corpos, emoções e identidades segundo padrões de produtividade, sucesso e visibilidade. A análise foucaultiana permanece atual ao revelar que muitos desses imperativos operam como tecnologias de poder internalizadas, influenciando práticas de autocontrole, vigilância e normalização.

Sob a perspectiva transdisciplinar adotada neste artigo, as contribuições de Foucault dialogam com o pensamento complexo de Morin (2011) e com o paradigma da transdisciplinaridade proposto por Nicolescu (1999). Enquanto Foucault (1999) evidencia os mecanismos históricos e institucionais de produção dos sujeitos, Morin (2011) ressalta que o ser humano é constituído por múltiplas dimensões inseparáveis, biológica, psicológica, social, cultural, ética e política. Nicolescu (1999), por sua vez, defende a integração entre diferentes níveis de realidade para compreender fenômenos complexos como a corporeidade e a subjetivação. Assim, a análise foucaultiana das relações entre corpo e poder pode ser ampliada por uma abordagem transdisciplinar que considere, simultaneamente, os condicionamentos sociais e as possibilidades de autonomia, criatividade e transformação humana.

Desse modo, a obra de Foucault (2012) permanece indispensável para compreender os modos pelos quais os corpos são produzidos, regulados e significados na contemporaneidade. Ao demonstrar que o poder atravessa as

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

práticas cotidianas, os discursos científicos e as instituições sociais, o autor oferece instrumentos teóricos para analisar criticamente os processos de subjetivação e reconhecer que a constituição do sujeito ocorre em permanente tensão entre mecanismos de normalização e possibilidades de resistência. Essa perspectiva fornece uma base consistente para compreender as discussões sobre gênero, sexualidade e identidade, que serão aprofundadas na seção seguinte.

3.3 Gêneros e sexualidades: Onde os corpos estão situados?

A relação entre corpos, gêneros e sexualidades constitui uma das discussões centrais dos estudos contemporâneos sobre subjetividade, identidade e processos sociais de constituição dos sujeitos. Durante muito tempo, predominou uma compreensão essencialista segundo a qual o corpo biológico determinaria naturalmente comportamentos, identidades e papéis sociais atribuídos a homens e mulheres. As contribuições dos estudos feministas, dos estudos de gênero e da teoria queer questionaram essa perspectiva ao demonstrar que os significados atribuídos ao corpo são construídos histórica, cultural e politicamente.

Nessa perspectiva, o corpo não pode ser compreendido como uma realidade puramente natural ou neutra, pois ele está permanentemente atravessado por discursos, normas, relações de poder e práticas sociais que produzem sentidos sobre masculinidades, feminilidades, sexualidades e identidades. O corpo torna-se, portanto, um espaço de inscrição das experiências individuais e coletivas, no qual se articulam dimensões biológicas, simbólicas, sociais e políticas.

A filósofa Simone de Beauvoir (1980) representa uma das principais referências para a compreensão crítica da construção social do feminino. Em sua obra clássica *O Segundo Sexo*, publicada originalmente em 1949, a autora afirma que “não se nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1980). Essa formulação rompe com a ideia de que a identidade feminina seria determinada exclusivamente pela natureza biológica e evidencia que o feminino é produzido por processos históricos, culturais e educacionais.

Para Beauvoir (1980), a sociedade patriarcal constrói a mulher como o “Outro”, estabelecendo uma relação de alteridade na qual o homem ocupa a posição de sujeito universal e a mulher é definida a partir dessa referência. Essa estrutura produz desigualdades ao limitar possibilidades de existência, comportamento e participação social das mulheres. O corpo feminino, nesse contexto, torna-se objeto de discursos, expectativas e controles sociais que determinam formas consideradas adequadas de vestir-se, comportar-se, desejar e ocupar espaços públicos e privados.

A contribuição de Beauvoir (1980) foi fundamental para deslocar a discussão sobre gênero do campo da natureza para o campo da cultura e da história. Ao

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

demonstrar que a feminilidade é construída por processos de socialização, educação e normas sociais, a autora abriu caminho para pesquisas posteriores que analisaram como os corpos são produzidos e regulados pelas estruturas sociais.

Entretanto, embora tenha sido fundamental para o pensamento feminista, a abordagem de Beauvoir foi posteriormente ampliada e problematizada por autoras que questionaram a existência de uma categoria universal denominada “mulher”. Nesse contexto, Butler (2019) desenvolve uma crítica às concepções tradicionais de gênero em suas obras *Problemas de Gênero* e *Corpos que Importam*, propondo uma compreensão performativa das identidades.

Para Butler (2019), o gênero não representa uma essência interna ou uma característica fixa do indivíduo, mas constitui uma prática reiterada, produzida por atos, discursos e normas sociais. A autora argumenta que os sujeitos são constituídos dentro de sistemas regulatórios que definem quais corpos, identidades e expressões são considerados legítimos. Dessa forma, gênero não é simplesmente algo que a pessoa possui, mas algo que é continuamente produzido e reproduzido por meio de performances sociais.

A noção de performatividade desenvolvida por Butler (2020) não significa que o gênero seja uma escolha individual livre ou uma representação superficial. Ao contrário, refere-se ao processo pelo qual normas sociais repetidas produzem a aparência de uma identidade estável. Os corpos tornam-se inteligíveis socialmente quando correspondem às expectativas estabelecidas sobre sexo, gênero e sexualidade. Aqueles que rompem essas normas frequentemente enfrentam processos de exclusão, marginalização e violência simbólica.

Em *Corpos que Importam*, Butler (2020) aprofunda essa discussão ao analisar como determinados corpos são reconhecidos socialmente como legítimos enquanto outros são considerados abjetos ou invisíveis. A autora demonstra que a materialidade do corpo não está separada dos discursos que o constituem. Isso não significa negar a existência corporal, mas compreender que a forma como os corpos são percebidos, classificados e valorizados depende de estruturas culturais e políticas.

A teoria de Butler (2020) contribui para compreender que gênero e sexualidade fazem parte dos processos de subjetivação, conforme discutido por Foucault (1999). As normas de gênero funcionam como mecanismos reguladores que orientam comportamentos, desejos e identidades, produzindo sujeitos reconhecidos ou marginalizados socialmente. Assim, corpo e identidade são constituídos em meio às relações de poder, resistência e negociação cultural.

No campo da Educação, Louro (2018) amplia essas discussões ao investigar como instituições educativas participam da produção dos corpos e das identidades.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

Em *O Corpo Educado*, a autora demonstra que o corpo é continuamente educado por meio de práticas, discursos e normas presentes na escola, na família, na religião, na mídia e em outras instituições sociais.

Segundo Louro (2028), a escola não atua apenas como espaço de transmissão de conhecimentos formais, mas também como ambiente de produção de diferenças. Por meio de regras explícitas e implícitas, a instituição escolar ensina modos adequados de comportamento corporal, estabelecendo expectativas relacionadas ao gênero, à sexualidade, à aparência, aos movimentos e às formas de interação. Dessa maneira, os corpos são disciplinados e classificados conforme padrões socialmente construídos.

A autora destaca que os processos educativos produzem marcas nos corpos dos sujeitos. Gestos, posturas, uniformes, separações entre meninos e meninas, práticas esportivas e discursos sobre comportamento revelam que a educação participa ativamente da construção das identidades corporais. Assim, compreender o corpo no contexto educacional implica reconhecer que ele não é apenas presença física, mas também resultado de aprendizagens sociais e culturais.

A discussão proposta por Louro (2018) aproxima-se da análise foucaultiana sobre poder e subjetivação, pois evidencia que as normas não atuam somente por imposição externa, mas são incorporadas pelos sujeitos ao longo de suas experiências sociais. Os indivíduos aprendem a perceber seus corpos e identidades a partir dos discursos disponíveis em sua cultura, podendo tanto reproduzi-los quanto questioná-los.

A articulação entre Beauvoir (1980), Butler (2020) e Louro (2018) permite compreender o corpo como uma construção histórica e política, atravessada por relações de poder e processos culturais. Beauvoir evidencia a construção social da feminilidade; Butler (2020) problematiza a estabilidade das identidades de gênero ao apresentar a performatividade como processo constitutivo; Louro demonstra como instituições educativas participam da produção e regulação dos corpos.

Essa perspectiva torna-se especialmente relevante diante dos desafios contemporâneos relacionados à diversidade corporal, às identidades de gênero e às múltiplas formas de expressão da sexualidade. A sociedade atual apresenta simultaneamente avanços na ampliação dos direitos e das formas de reconhecimento e permanências de mecanismos de controle, preconceito e exclusão. Os corpos continuam sendo avaliados segundo padrões estéticos, morais e culturais que definem quais existências são valorizadas e quais são marginalizadas.

No contexto da cultura digital, essas questões tornam-se ainda mais complexas. As redes sociais ampliaram os espaços de exposição dos corpos e

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

favoreceram novas formas de construção identitária, mas também intensificaram mecanismos de comparação, vigilância e normatização estética. Os sujeitos são constantemente convocados a apresentar versões idealizadas de si mesmos, evidenciando como os corpos permanecem atravessados por discursos sociais e relações de poder.

A partir de uma perspectiva transdisciplinar, compreender corpo, gênero e sexualidade exige superar explicações simplificadoras e reconhecer a interação entre dimensões biológicas, psicológicas, sociais, históricas e culturais. As contribuições de Basarab Nicolescu, Edgar Morin, Ubiratan D'Ambrosio, Pierre Weil, Roberto Crema e Américo Sommerman reforçam a necessidade de integrar diferentes campos do conhecimento para compreender a complexidade da experiência humana.

Assim, o corpo revela-se como território de produção de sentidos, identidades e subjetividades. Ele não é apenas uma realidade biológica, mas uma construção dinâmica na qual se encontram história, cultura, linguagem, poder e experiência vivida. A análise de Beauvoir, Butler e Louro demonstra que os corpos são continuamente produzidos e interpretados dentro de contextos sociais específicos, sendo também espaços de resistência, transformação e criação de novas possibilidades de existência.

Dessa forma, os estudos sobre corpos, gêneros e sexualidades contribuem para uma compreensão mais ampla dos processos de subjetivação, evidenciando que as identidades humanas não são fixas ou naturais, mas construídas em relações complexas entre sujeitos, culturas e estruturas sociais. Essa abordagem fundamenta a continuidade da análise sobre corpo, sociedade de consumo, mídia e cultura digital, temas centrais para compreender as formas contemporâneas de produção das subjetividades.

3.4 Sociedade de consumo e cultura digital: dinâmicas contemporâneas sobre os corpos

A compreensão do corpo na sociedade contemporânea exige uma análise das transformações econômicas, culturais, tecnológicas e simbólicas que modificaram as formas pelas quais os sujeitos percebem, utilizam e significam seus próprios corpos. Na contemporaneidade, o corpo tornou-se um dos principais espaços de construção da identidade, de expressão social e de produção de valores culturais, sendo atravessado por discursos relacionados à beleza, juventude, desempenho, saúde, produtividade e visibilidade.

A sociedade de consumo transformou o corpo em objeto de investimento, representação e valorização simbólica. Mais do que uma dimensão biológica da existência humana, o corpo passou a funcionar como signo social, capaz de

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

comunicar pertencimento, status, estilo de vida e identidade. Nesse contexto, as contribuições de Jean Baudrillard (2010), Bauman (2008) e Byung-Chul Han (2015) permitem compreender como os processos contemporâneos de consumo, espetacularização e digitalização influenciam a produção das subjetividades corporais.

Baudrillard (2010), em sua análise da sociedade de consumo, demonstra que os objetos e práticas sociais deixam de possuir apenas valor de uso e passam a adquirir valor simbólico. Em *A Sociedade de Consumo*, o autor argumenta que o consumo moderno não está relacionado somente à satisfação de necessidades materiais, mas à produção de significados, distinções sociais e formas de identificação. Nessa lógica, o corpo também passa a ser consumido como um signo, tornando-se elemento de diferenciação e reconhecimento social.

O corpo contemporâneo é progressivamente inserido em uma lógica de aperfeiçoamento permanente. Dietas, exercícios físicos, procedimentos estéticos, cosméticos, roupas, tecnologias de monitoramento corporal e práticas de bem-estar passam a integrar um mercado voltado à construção de determinados modelos corporais considerados desejáveis. O corpo deixa de ser apenas uma dimensão da existência para tornar-se um projeto individual que deve ser constantemente administrado e aprimorado.

Baudrillard (2010), a sociedade de consumo produz necessidades simbólicas que ultrapassam as necessidades reais. Os indivíduos consomem imagens, estilos e representações que prometem pertencimento e reconhecimento. Aplicada ao corpo, essa perspectiva evidencia como padrões estéticos difundidos pela publicidade e pela mídia estabelecem modelos de beleza e sucesso, influenciando a relação dos sujeitos consigo mesmos e com os outros.

Essa transformação do corpo em objeto de consumo está relacionada ao processo de mercantilização da própria identidade. O indivíduo passa a construir sua imagem pessoal por meio de escolhas relacionadas à aparência, ao vestuário, ao condicionamento físico e aos estilos de vida. O corpo torna-se uma espécie de linguagem social, comunicando valores e posições dentro dos grupos aos quais os sujeitos pertencem.

A análise de Debord (1997), desenvolvida em *A Sociedade do Espetáculo*, amplia essa compreensão ao demonstrar que a sociedade contemporânea é marcada pela predominância das imagens e das representações. Para Debord (1997), o espetáculo não representa apenas um conjunto de imagens, mas uma forma de relação social mediada por imagens. Nesse contexto, a aparência assume papel central na constituição das experiências humanas, e aquilo que é visto passa a adquirir maior importância social.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

O corpo, dentro da lógica espetacular, torna-se uma imagem a ser apresentada, avaliada e reconhecida. A valorização da aparência física, da exposição da intimidade e da visibilidade pública transforma o corpo em elemento fundamental das relações sociais. O sujeito contemporâneo não apenas possui um corpo, mas precisa administrá-lo como uma representação de si mesmo.

Com o desenvolvimento das tecnologias digitais e das redes sociais, a lógica do espetáculo intensificou-se. Plataformas digitais transformaram os indivíduos em produtores e consumidores simultâneos de imagens, criando novos espaços de exposição corporal. Fotografias, vídeos, filtros, curtidas e comentários passaram a participar dos processos de construção da identidade e da avaliação social dos corpos.

Nesse cenário, o corpo digitalizado torna-se uma extensão da subjetividade. A imagem publicada nas redes sociais não corresponde apenas a uma representação visual, mas participa da construção da identidade do sujeito. A necessidade de reconhecimento por meio da visibilidade digital produz novas formas de vigilância e comparação, nas quais os indivíduos monitoram constantemente sua aparência e seu desempenho social.

Bauman (2001) contribui para essa discussão ao analisar as características da sociedade líquida, marcada pela instabilidade, pela velocidade das mudanças e pela fragilidade dos vínculos sociais. Em *Modernidade Líquida*, o autor afirma que as identidades contemporâneas tornaram-se mais flexíveis, porém também mais inseguras, pois os sujeitos são constantemente convocados a adaptar-se às mudanças e reconstruir suas próprias imagens.

Na modernidade líquida, o corpo acompanha essa lógica de transformação permanente. O corpo deixa de ser percebido como algo relativamente estável e passa a ser entendido como projeto em constante construção. A busca por juventude, beleza, desempenho e diferenciação revela uma sociedade na qual os indivíduos são responsabilizados pela administração de sua própria aparência e valorização social.

Bauman (2011) evidencia que o consumo oferece promessas de identidade e pertencimento, mas produz também insegurança e ansiedade. O indivíduo é incentivado a consumir experiências, produtos e estilos de vida que supostamente garantiriam reconhecimento e satisfação, porém essas conquistas permanecem temporárias, exigindo novos investimentos constantes.

Esse movimento manifesta-se intensamente nas relações contemporâneas com o corpo. A busca pelo corpo ideal, pelo envelhecimento controlado, pela performance física e pela aprovação social transforma o cuidado corporal em uma obrigação permanente. O corpo passa a ser avaliado segundo critérios externos de

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

sucesso, produtividade e aceitação, favorecendo sentimentos de inadequação e sofrimento psíquico.

Han (2015) aprofunda essa análise ao investigar as características da sociedade contemporânea marcada pelo desempenho e pela hiperprodutividade. Em *A Sociedade do Cansaço*, o autor afirma que a sociedade disciplinar analisada por Foucault transformou-se progressivamente em uma sociedade do desempenho, na qual os indivíduos não são apenas submetidos a ordens externas, mas passam a explorar a si mesmos em busca de resultados, eficiência e superação contínua.

Nesse contexto, o corpo torna-se uma ferramenta de desempenho. A lógica da produtividade invade diferentes dimensões da vida, incluindo lazer, aparência, saúde e relações pessoais. O indivíduo contemporâneo é incentivado a otimizar seu corpo, controlar suas emoções, ampliar suas capacidades e transformar-se continuamente em uma versão considerada melhor de si mesmo.

Para Han (2015), essa autoexploração produz novas formas de sofrimento psíquico, como ansiedade, depressão, esgotamento e sensação permanente de insuficiência. Diferentemente das formas tradicionais de dominação, baseadas em proibições e limites, a sociedade do desempenho opera por meio de estímulos positivos: “você pode”, “você deve melhorar”, “você precisa alcançar mais”. O sujeito torna-se simultaneamente explorador e explorado.

Essa perspectiva possui forte relação com a construção contemporânea da imagem corporal. A cultura digital amplia os mecanismos de comparação e exposição, estimulando a busca por padrões muitas vezes inalcançáveis. A produção de imagens idealizadas nas redes sociais cria uma distância entre o corpo vivido e o corpo apresentado, influenciando a autoestima, a percepção corporal e a saúde mental.

A articulação entre Baudrillard, Debord, Bauman e Han permite compreender que o corpo contemporâneo encontra-se inserido em uma rede complexa de significados econômicos, culturais, tecnológicos e subjetivos. O corpo é simultaneamente mercadoria, imagem, identidade, projeto pessoal e espaço de investimento emocional.

Entretanto, uma análise transdisciplinar possibilita ultrapassar uma visão exclusivamente crítica do corpo como objeto de controle e consumo. A partir das contribuições de Basarab Nicolescu, Edgar Morin, Ubiratan D'Ambrosio, Pierre Weil, Roberto Crema e Américo Sommerman, compreende-se que o corpo também constitui espaço de criação, experiência, consciência e transformação.

O paradigma transdisciplinar permite reconhecer que a relação dos sujeitos com seus corpos envolve múltiplos níveis de realidade: biológico, psicológico,

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

social, cultural, tecnológico e espiritual. Assim, embora os corpos sejam atravessados por mecanismos de consumo, espetacularização e desempenho, eles também representam possibilidades de resistência, expressão da singularidade e construção de novas formas de existência.

Dessa maneira, o corpo na sociedade contemporânea revela uma profunda ambivalência: ao mesmo tempo em que se torna objeto de controle, consumo e exposição, permanece como território de identidade, experiência e produção de sentidos. A compreensão dessas tensões é fundamental para analisar os processos atuais de subjetivação e os desafios relacionados à saúde mental, à educação, à diversidade e às formas de viver a corporeidade no mundo digital.

3.5 Corpos, comunicação não verbal e consciência corporal: um olhar integrado

O corpo humano constitui um complexo sistema de expressão e comunicação que ultrapassa os limites da linguagem verbal. Antes mesmo da elaboração das palavras, o indivíduo comunica-se por meio de gestos, posturas, movimentos, expressões faciais, olhares, ritmos corporais e formas de ocupar os espaços sociais. A comunicação corporal revela aspectos emocionais, culturais e relacionais que participam diretamente da constituição das subjetividades e das experiências humanas.

A compreensão do corpo como linguagem amplia a perspectiva tradicional que reduz a comunicação ao discurso verbal. A dimensão corporal envolve processos conscientes e inconscientes, nos quais sentimentos, valores, memórias, aprendizagens culturais e relações sociais manifestam-se por meio da corporeidade. Nesse sentido, o corpo não é apenas instrumento utilizado pelo sujeito para comunicar algo; ele próprio constitui uma forma de existência e produção de sentidos.

As contribuições de Pierre Weil e Roland Tompakow (2015), especialmente na obra *O Corpo Fala*, representam uma importante referência para compreender os processos comunicacionais expressos pelo corpo. Os autores demonstram que os movimentos corporais, as expressões faciais, a postura, a distância entre os corpos e a maneira como o indivíduo se posiciona no ambiente revelam mensagens que frequentemente ultrapassam aquilo que é verbalmente declarado.

Para Weil e Tompakow (2015) o corpo manifesta estados internos, emoções e atitudes por meio de sinais não verbais que fazem parte das relações humanas. Um gesto, uma expressão facial ou uma postura corporal podem comunicar segurança, medo, abertura, rejeição, interesse ou desconforto. Esses sinais são interpretados socialmente a partir de códigos culturais compartilhados,

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

demonstrando que a comunicação corporal possui tanto dimensões universais quanto aspectos construídos historicamente.

A comunicação não verbal, portanto, não deve ser compreendida como uma linguagem natural e fixa, mas como um fenômeno influenciado pelas experiências individuais e pelos contextos socioculturais. A forma de olhar, tocar, movimentar-se ou manter determinada postura varia entre culturas e grupos sociais, revelando que o corpo também é um espaço de aprendizagem e construção simbólica.

Essa perspectiva dialoga diretamente com Mauss (2003) e sua concepção de “técnicas do corpo”. Para o antropólogo, os modos de caminhar, sentar, trabalhar, descansar, alimentar-se e expressar emoções são aprendidos socialmente. Assim, os movimentos corporais não são exclusivamente naturais, mas resultado de processos educativos e culturais que inscrevem marcas sociais nos corpos dos indivíduos.

A comunicação corporal também está relacionada aos processos de subjetivação, pois os sujeitos aprendem a utilizar e interpretar seus corpos conforme os códigos estabelecidos por seus grupos sociais. Desde a infância, os indivíduos são educados sobre como devem movimentar-se, vestir-se, expressar emoções e ocupar determinados espaços. O corpo torna-se, desse modo, um território onde normas sociais e experiências pessoais se encontram.

A abordagem de Pierre Weil (1995) amplia essa compreensão ao relacionar corpo, consciência e desenvolvimento humano. Em suas pesquisas sobre comunicação, educação e psicologia, o autor defende uma visão integrada do ser humano, na qual corpo, mente, emoções e relações sociais constituem dimensões inseparáveis. Essa compreensão aproxima-se do pensamento transdisciplinar ao reconhecer que os fenômenos humanos não podem ser analisados por uma única perspectiva.

No campo da educação e das relações interpessoais, a consciência da comunicação não verbal possui grande relevância. Professores, terapeutas, profissionais da saúde e diferentes agentes sociais utilizam constantemente sinais corporais para estabelecer vínculos, compreender necessidades e construir relações de confiança. O corpo participa ativamente dos processos de aprendizagem, cuidado e interação social.

A dimensão corporal também assume papel fundamental nas práticas terapêuticas. A percepção dos próprios gestos, tensões musculares, respiração e sensações físicas possibilita ao indivíduo ampliar o conhecimento sobre si mesmo. Essa compreensão aproxima-se das abordagens psicocorporais que reconhecem o corpo como lugar de registro das experiências emocionais e históricas.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

Nesse contexto, Thérèse Bertherat, em sua obra *O Corpo Tem Suas Razões*, propõe uma reflexão sobre a relação entre corpo, consciência e experiência vivida. A autora critica a visão fragmentada que separa corpo e mente e defende que o corpo possui uma inteligência própria, construída pelas experiências acumuladas ao longo da vida.

Para Bertherat (1987), o corpo conserva marcas das vivências individuais, dos hábitos adquiridos, das tensões emocionais e das formas de adaptação desenvolvidas pelos sujeitos. Posturas corporais, padrões respiratórios e limitações de movimento podem expressar histórias pessoais e relações estabelecidas com o ambiente. O corpo, nessa perspectiva, constitui uma memória viva da trajetória do indivíduo.

A consciência corporal proposta por Bertherat (1987) envolve um processo de escuta e percepção do próprio corpo. Ao desenvolver maior atenção às sensações corporais, o sujeito pode compreender melhor seus limites, necessidades e possibilidades de transformação. Essa prática favorece uma relação mais integrada consigo mesmo, rompendo com modelos que tratam o corpo apenas como objeto de controle, desempenho ou aparência.

A autora aproxima-se das perspectivas fenomenológicas da corporeidade ao compreender que o corpo não é algo separado do sujeito, mas constitui a própria forma de estar no mundo. O indivíduo não possui simplesmente um corpo; ele é um corpo em constante relação com o ambiente, com os outros e consigo mesmo. Essa compreensão desloca o corpo da posição de objeto para reconhecê-lo como dimensão fundamental da existência.

A relação entre comunicação não verbal e consciência corporal também pode ser analisada a partir dos estudos de Schilder (1999) sobre imagem corporal. Para o autor, a percepção que o indivíduo possui de seu próprio corpo é construída pela interação entre experiências sensoriais, emoções e relações sociais. A maneira como uma pessoa percebe seu corpo influencia sua autoestima, sua identidade e suas formas de interação.

Nesse sentido, a consciência corporal não representa apenas uma percepção física, mas um processo complexo envolvendo aspectos psicológicos, sociais e culturais. O modo como os indivíduos sentem e interpretam seus corpos está relacionado às experiências vividas, aos padrões culturais e aos discursos sociais sobre aparência, saúde e normalidade.

Na contemporaneidade, marcada pela cultura digital e pela intensa exposição das imagens corporais, a comunicação não verbal adquire novas configurações. Fotografias, vídeos e representações digitais do corpo tornam-se elementos centrais na construção das identidades sociais. Os sujeitos passam a

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

comunicar aspectos de si mesmos por meio de imagens cuidadosamente produzidas, criando novas formas de expressão e também novos mecanismos de vigilância e avaliação.

Essa realidade evidencia uma tensão entre o corpo vivido e o corpo representado. Enquanto a consciência corporal proposta por Bertherat (1989) enfatiza a escuta interna, a percepção e a integração entre corpo e subjetividade, a cultura digital frequentemente estimula uma relação externa com o corpo, baseada na aparência, comparação e reconhecimento social.

A perspectiva transdisciplinar contribui para integrar essas diferentes dimensões. A partir de Basarab Nicolescu, Edgar Morin, Ubiratan D'Ambrosio, Pierre Weil Sommerman, compreende-se que o corpo deve ser analisado como fenômeno complexo, envolvendo simultaneamente dimensões biológicas, psicológicas, sociais, culturais e espirituais.

Morin (2015) destaca que a complexidade humana exige uma compreensão capaz de articular diferentes saberes sem reduzir o fenômeno estudado. Nesse sentido, o corpo comunicativo e consciente não pode ser explicado apenas pela fisiologia dos movimentos ou pela psicologia individual, pois envolve também história, cultura, relações sociais e produção de sentidos.

Dessa forma, a comunicação não verbal e a consciência corporal revelam que o corpo é um espaço de expressão, memória, interação e subjetivação. As contribuições de Weil, Tompakow e Bertherat demonstram que compreender o corpo significa reconhecer suas múltiplas linguagens e sua capacidade de produzir significados. O corpo comunica, sente, registra experiências e participa ativamente da construção da identidade humana.

Assim, dentro de uma perspectiva transdisciplinar, a corporeidade apresenta-se como uma dimensão essencial para compreender os modos contemporâneos de existência. O estudo da comunicação corporal e da consciência de si amplia a compreensão dos processos de subjetivação ao evidenciar que os sujeitos constroem suas identidades não apenas por meio da linguagem racional, mas também através dos movimentos, sensações, emoções e experiências inscritas em seus próprios corpos.

3.6 Corpos, representações sociais, imagem corporal e saúde mental: perspectivas atuais

A compreensão do corpo humano na contemporaneidade exige considerar não apenas sua dimensão física e biológica, mas também os significados sociais, culturais, psicológicos e simbólicos que participam de sua constituição. O corpo é construído e interpretado dentro de sistemas de representação que orientam a

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

maneira como os indivíduos percebem a si mesmos, estabelecem relações sociais e produzem suas identidades. Nesse sentido, corpo, imagem corporal e saúde mental constituem dimensões inseparáveis dos processos de subjetivação.

As representações atribuídas ao corpo são produzidas socialmente e influenciam profundamente as experiências individuais. Ideais de beleza, padrões de normalidade, concepções de saúde, discursos médicos, valores culturais e práticas sociais contribuem para formar imagens coletivas sobre o que significa possuir um corpo considerado adequado, saudável ou desejável. Essas representações não permanecem externas aos sujeitos; elas são incorporadas, influenciando a percepção corporal, a autoestima e as formas de relação consigo mesmo e com os outros.

Nesse campo, a Teoria das Representações Sociais desenvolvida por Moscovici (2007) constitui uma contribuição fundamental para compreender como os conhecimentos produzidos socialmente participam da construção da realidade cotidiana. Para Moscovici (1978), as representações sociais são formas de conhecimento elaboradas pelos grupos sociais com a finalidade de interpretar, organizar e comunicar a realidade. Elas funcionam como sistemas simbólicos que orientam práticas, comportamentos e modos de compreender o mundo.

Aplicada ao estudo do corpo, a teoria de Moscovici (2007) permite compreender que as imagens e significados atribuídos à corporeidade são construídos coletivamente. O corpo não é percebido apenas como estrutura anatômica, mas como objeto carregado de valores sociais e culturais. As ideias sobre corpo saudável, corpo belo, corpo produtivo ou corpo aceitável são produzidas por processos históricos e compartilhadas socialmente.

A mídia, a publicidade, as instituições educacionais, os discursos científicos e as redes sociais exercem papel significativo na produção dessas representações. Esses espaços disseminam modelos corporais que influenciam a forma como os indivíduos avaliam seus próprios corpos. Assim, a representação social do corpo participa diretamente dos processos de subjetivação, pois os sujeitos constroem suas identidades a partir dos significados disponíveis em seu contexto cultural.

Moscovici (1978) destaca que as representações sociais possuem duas funções principais: tornar familiar aquilo que é desconhecido e orientar práticas sociais. No caso do corpo, elas permitem aos indivíduos interpretar mudanças corporais, diferenças físicas, padrões estéticos e experiências relacionadas à saúde e à doença. Entretanto, essas representações também podem produzir exclusões quando determinados corpos são considerados inadequados, desviantes ou inferiores em relação aos modelos predominantes.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

Essa discussão aproxima-se das análises de Foucault (2014) sobre poder e normalização, pois evidencia que os discursos sociais sobre o corpo não são neutros. As representações corporais envolvem relações de poder que definem quais corpos são valorizados e quais são marginalizados. Dessa maneira, compreender o corpo implica analisar também os discursos e práticas sociais que produzem determinadas verdades sobre ele.

No campo da Psicologia, Schilder (1999) apresenta uma das contribuições mais importantes para o estudo da imagem corporal. Em sua obra *A Imagem Corporal*, o autor rompe com uma compreensão puramente fisiológica do corpo ao afirmar que a percepção corporal resulta da integração entre aspectos neurológicos, psicológicos e sociais.

Para Schilder (1999), a imagem corporal corresponde à representação mental que o indivíduo constrói sobre seu próprio corpo. Essa representação não é fixa, mas encontra-se em constante transformação a partir das experiências vividas, das relações interpessoais, das emoções e dos valores culturais. O modo como uma pessoa percebe seu corpo influencia diretamente sua identidade, sua autoestima e sua relação com o ambiente.

A imagem corporal envolve tanto a percepção objetiva das dimensões físicas quanto os sentimentos, fantasias e significados associados ao corpo. Dessa forma, uma pessoa pode apresentar uma percepção corporal que não corresponde necessariamente às características físicas reais, pois a experiência corporal é mediada por fatores emocionais e sociais.

A contribuição de Schilder (1999) é especialmente relevante para compreender fenômenos contemporâneos como insatisfação corporal, transtornos alimentares, sofrimento relacionado à aparência e busca excessiva por padrões estéticos. Em uma sociedade marcada pela valorização da imagem, a distância entre o corpo vivido e o corpo idealizado pode gerar conflitos subjetivos e impactos significativos na saúde mental.

A cultura contemporânea intensifica esses processos por meio da exposição constante de imagens corporais idealizadas. Redes sociais, publicidade e meios digitais apresentam modelos frequentemente associados à perfeição, juventude e desempenho. Essas imagens tornam-se referências comparativas que podem influenciar negativamente a percepção que os indivíduos possuem de seus próprios corpos.

Nesse contexto, compreender a imagem corporal exige considerar não apenas aspectos individuais, mas também as condições sociais que produzem determinadas expectativas sobre o corpo. A experiência corporal é sempre

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

atravessada por relações culturais, econômicas e simbólicas, demonstrando que a saúde mental relacionada ao corpo possui uma dimensão coletiva.

As contribuições de Reich (1998) ampliam essa discussão ao introduzir uma compreensão do corpo como expressão da história emocional do sujeito. Desenvolvendo uma abordagem denominada Vegetoterapia Caracteroanalítica, Reich defende que experiências emocionais, conflitos psíquicos e mecanismos de defesa manifestam-se corporalmente por meio de tensões musculares e padrões respiratórios.

Para Reich (1998), o corpo registra experiências vividas e desenvolve formas de proteção diante de situações de sofrimento ou repressão. Essas marcas corporais foram denominadas pelo autor de “couraças musculares”, compreendidas como padrões de tensão que limitam a expressão emocional e a espontaneidade do indivíduo.

A perspectiva reichiana rompe com a separação rígida entre corpo e mente, propondo uma compreensão integrada do funcionamento humano. O sofrimento psíquico não se manifesta apenas no pensamento ou na emoção, mas também na postura, na respiração, nos movimentos e nas sensações corporais. Assim, o corpo torna-se uma via de acesso aos processos subjetivos.

Embora algumas formulações de Reich (1998) sejam objeto de debates no campo científico contemporâneo, sua contribuição histórica foi fundamental para o desenvolvimento das abordagens corporais em Psicologia e Psicoterapia. O autor influenciou diversas práticas terapêuticas que reconhecem a relação entre emoções, corpo e processos de transformação pessoal.

Alexander Lowen (1992), discípulo de Reich (1998) e fundador da Análise Bioenergética, desenvolveu e sistematizou uma abordagem psicocorporal voltada à integração entre corpo, emoção e consciência. Para Lowen (1992), o corpo expressa a personalidade do indivíduo, revelando padrões emocionais construídos ao longo da vida.

A Bioenergética compreende que tensões corporais, dificuldades de expressão emocional e bloqueios relacionais podem estar associados a experiências passadas que permanecem registradas corporalmente. O trabalho terapêutico busca ampliar a consciência corporal, favorecer a expressão emocional e recuperar a vitalidade do sujeito.

Lowen (1992) enfatiza que a relação saudável com o corpo envolve a capacidade de sentir, movimentar-se e estabelecer contato consigo mesmo e com o ambiente. O corpo não deve ser tratado apenas como objeto de aparência ou desempenho, mas como fundamento da experiência existencial.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

Essa perspectiva dialoga com a compreensão transdisciplinar da corporeidade, pois reconhece a interdependência entre dimensões físicas, emocionais, psicológicas e sociais. O corpo é compreendido como uma totalidade dinâmica na qual diferentes níveis da experiência humana se relacionam.

A articulação entre Moscovici, Schilder, Reich e Lowen evidencia que o corpo constitui um espaço complexo de produção de sentidos. As representações sociais influenciam a maneira como os indivíduos compreendem seus corpos; a imagem corporal organiza a experiência subjetiva de si; e as abordagens psicocorporais demonstram que emoções e histórias pessoais permanecem inscritas na corporeidade.

Na perspectiva da saúde mental, essa compreensão torna-se fundamental, pois permite superar modelos reducionistas que isolam aspectos físicos, psicológicos ou sociais do sofrimento humano. Questões como ansiedade relacionada à aparência, baixa autoestima, compulsões corporais e dificuldades de aceitação corporal precisam ser compreendidas dentro de contextos mais amplos que envolvem cultura, relações sociais e experiências subjetivas.

A abordagem transdisciplinar proposta por Nicolescu, Morin, D'Ambrosio, Pierre Weil, Crema e Sommerman oferece uma base epistemológica para integrar esses diferentes saberes. A complexidade humana exige uma compreensão capaz de articular corpo, mente, sociedade, cultura e subjetividade, evitando fragmentações que limitam a compreensão dos fenômenos humanos.

Morin (2015) afirma que a realidade humana é marcada pela complexidade, sendo composta por múltiplas dimensões inseparáveis. Aplicada ao corpo, essa perspectiva permite compreender que a corporeidade envolve simultaneamente biologia, história, emoções, cultura, relações sociais e produção simbólica.

Assim, o corpo revela-se como território de memória, identidade, comunicação e transformação. Ele não apenas expressa estados internos, mas também participa da construção das subjetividades e das relações sociais. As representações sociais, a imagem corporal e as experiências emocionais demonstram que o corpo é um fenômeno multidimensional, no qual se articulam indivíduo e sociedade.

Dessa maneira, compreender o corpo, suas representações e sua relação com a saúde mental significa reconhecer que cada sujeito possui uma história corporal construída em interação com o mundo. O corpo é, simultaneamente, experiência pessoal e construção coletiva, espaço de vulnerabilidade e potência, sofrimento e criação, controle e possibilidade de emancipação.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

A análise das contribuições de Moscovici, Schilder, Reich e Lowen fortalece a compreensão de que os processos de subjetivação ocorrem também por meio da relação que os indivíduos estabelecem com seus próprios corpos. Essa abordagem amplia o entendimento da corporeidade e prepara o caminho para a discussão seguinte sobre a transdisciplinaridade como paradigma epistemológico capaz de integrar os diferentes saberes envolvidos na compreensão do ser humano.

3.7 Corpos, Diversidades e a Psicologia Afirmativa: compreendendo as experiências LGBTQIAPN+

Os corpos constituem construções simultaneamente biológicas, sociais, históricas e políticas. Longe de serem apenas organismos naturais, são atravessados por normas culturais que definem quais identidades, expressões de gêneros e sexualidades são consideradas legítimas ou desviantes. Nesse contexto, pessoas trans, travestis, não binárias e demais integrantes da população LGBTQIAPN+ frequentemente vivenciam processos de exclusão, invisibilização e violência decorrentes da cisheteronormatividade, sistema que pressupõe a cisgeneridade e a heterossexualidade como padrões universais (Butler, 2004; Bento, 2006; Becker,2006) .A compreensão contemporânea da diversidade corporal exige o reconhecimento de que gênero, identidade de gênero, expressão de gênero e orientação sexual são dimensões distintas da experiência humana. Assim, corpos trans não representam desvios ou patologias, mas expressões legítimas da diversidade humana. Conforme Butler (2004), os corpos tornam-se inteligíveis socialmente a partir de normas regulatórias que determinam quais vidas são reconhecidas como dignas de proteção e pertencimento. Quando tais normas excluem identidades trans e dissidentes, produzem vulnerabilidades sociais, psicológicas e institucionais.

No contexto brasileiro, Bento (2006) demonstra que a experiência transexual é marcada pela necessidade constante de negociação entre identidade, reconhecimento social e acesso aos direitos fundamentais. A patologização histórica das identidades trans contribuiu para processos de sofrimento psíquico que não decorrem da identidade em si, mas da discriminação, do preconceito e da violência estrutural.

Nesse sentido, a Psicologia Afirmativa emerge como um importante paradigma científico e ético ao reconhecer que as identidades LGBTQIAPN+ constituem expressões saudáveis da diversidade humana. Diferentemente de abordagens patologizantes, a Psicologia Afirmativa compreende que o sofrimento apresentado por muitas pessoas LGBTQIAPN+ resulta principalmente do estresse de minoria (Minority Stress), conceito desenvolvido por Meyer (2003). Segundo esse modelo, experiências repetidas de discriminação, rejeição, violência,

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

expectativa de preconceito e estigma internalizado produzem impactos significativos sobre a saúde mental dessa população.

Estudos internacionais indicam que pessoas LGBTQIAPN+ apresentam maiores índices de ansiedade, depressão, ideação suicida e sofrimento psicológico quando comparadas à população cisheterossexual. Entretanto, tais diferenças não decorrem das identidades de gênero ou orientações sexuais, mas das condições sociais de exclusão e discriminação (Meyer, 2003; American Psychological Association, 2021).

A atuação afirmativa da Psicologia propõe intervenções pautadas na validação das identidades, no fortalecimento da autoestima, na construção de redes de apoio e na promoção dos direitos humanos. Essa perspectiva orienta profissionais a reconhecerem as especificidades das vivências LGBTQIAPN+, evitando práticas de conversão, correção ou patologização, historicamente responsáveis pela produção de sofrimento psíquico (APA, 2021).

No Brasil, o Conselho Federal de Psicologia consolidou importantes normativas éticas nesse campo. A Resolução CFP nº 01/1999 proíbe práticas que tratem a homossexualidade como doença ou desvio, enquanto a Resolução CFP nº 01/2018 estabelece diretrizes para o atendimento de pessoas transexuais e travestis, reafirmando o compromisso da Psicologia com os direitos humanos, a dignidade e o respeito às identidades de gênero.

Além disso, compreender a diversidade dos corpos implica reconhecer as interseccionalidades que atravessam as experiências das pessoas LGBTQIAPN+. Marcadores sociais como raça, classe, deficiência, território, religião e geração potencializam processos de vulnerabilidade ou proteção, exigindo uma abordagem psicológica sensível às múltiplas formas de opressão (Crenshaw, 1989).

Assim, discutir corpos e suas diversidades significa deslocar o foco das identidades individuais para as estruturas sociais que produzem desigualdades. A Psicologia Afirmativa contribui para esse movimento ao promover práticas clínicas, educacionais e institucionais comprometidas com a inclusão, a equidade e o reconhecimento das múltiplas formas de existir, fortalecendo uma compreensão ética da diversidade corporal como dimensão constitutiva da condição humana.

3.8 A transdisciplinaridade como paradigma epistemológico :um novo olhar sobre os corpos

A compreensão dos corpos e dos processos de subjetivação na contemporaneidade exige uma abordagem epistemológica capaz de superar

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

fragmentações tradicionais do conhecimento. Os fenômenos humanos apresentam múltiplas dimensões que não podem ser explicadas isoladamente por uma única área científica. O corpo, enquanto realidade biológica, histórica, cultural, psicológica, social e simbólica, constitui um fenômeno complexo que demanda articulação entre diferentes campos do saber.

Nesse contexto, a transdisciplinaridade emerge como um paradigma epistemológico voltado à integração dos conhecimentos e à compreensão da complexidade da realidade humana. Diferentemente de uma simples soma de disciplinas, a transdisciplinaridade propõe um diálogo profundo entre saberes científicos, filosóficos, culturais, sociais e experienciais, reconhecendo diferentes níveis de realidade e novas possibilidades de produção do conhecimento.

A perspectiva transdisciplinar torna-se especialmente relevante para os estudos do corpo, pois rompe com modelos reducionistas que historicamente separaram corpo e mente, indivíduo e sociedade, natureza e cultura. Ao considerar o ser humano como uma totalidade complexa, essa abordagem permite compreender a corporeidade como fenômeno multidimensional, constituído por relações entre diferentes dimensões da existência.

Basarab Nicolescu e o Manifesto da Transdisciplinaridade

Basarab Nicolescu (1999) constitui uma das principais referências contemporâneas da transdisciplinaridade. Em sua obra *Manifesto da Transdisciplinaridade*, o autor propõe uma nova forma de compreender o conhecimento, fundamentada na articulação entre diferentes níveis de realidade, na lógica do terceiro incluído e na complexidade.

Para Nicolescu (1999), a disciplinaridade tradicional produziu avanços significativos para a ciência moderna, porém também gerou fragmentações que dificultam a compreensão de fenômenos complexos. A divisão excessiva dos campos científicos contribuiu para a especialização do conhecimento, mas muitas vezes afastou o pesquisador da compreensão integrada dos fenômenos humanos.

A transdisciplinaridade não busca eliminar as disciplinas, mas estabelecer relações entre elas, ultrapassando seus limites sem negá-los. Trata-se de uma abordagem que atravessa as fronteiras disciplinares para investigar aquilo que está simultaneamente entre, através e além das disciplinas.

Aplicada ao estudo do corpo, a perspectiva de Nicolescu possibilita compreender que a corporeidade não pertence exclusivamente à Biologia, à Psicologia, à Sociologia ou à Filosofia, mas constitui um fenômeno que atravessa todos esses campos. O corpo é simultaneamente organismo, experiência subjetiva, construção cultural, território político e expressão simbólica.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

O princípio dos diferentes níveis de realidade proposto por Nicolescu permite compreender que o corpo possui múltiplas dimensões coexistentes. Existe uma dimensão material e biológica, uma dimensão psicológica relacionada às emoções e percepções, uma dimensão social relacionada às normas e instituições e uma dimensão simbólica relacionada aos sentidos atribuídos à existência corporal.

Edgar Morin e o pensamento complexo

A contribuição de Edgar Morin (2011) é fundamental para a construção de uma epistemologia transdisciplinar. O autor desenvolve o paradigma da complexidade como alternativa ao pensamento fragmentado, defendendo que os fenômenos devem ser compreendidos considerando suas relações, interações e interdependências.

Em *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, Morin (2011) afirma que o conhecimento contemporâneo necessita superar a fragmentação disciplinar e reconhecer a complexidade da condição humana. Para o autor, o ser humano é simultaneamente biológico, psicológico, social, cultural, histórico e afetivo, não podendo ser reduzido a uma única dimensão.

Essa concepção possui profunda relação com os estudos do corpo. Durante muito tempo, o corpo foi analisado predominantemente pela perspectiva biomédica, como organismo físico separado das dimensões subjetivas e sociais. O pensamento complexo questiona essa redução ao demonstrar que corpo e subjetividade encontram-se permanentemente interligados.

Para Morin, compreender o humano exige uma articulação entre unidade e diversidade. O indivíduo é singular, mas sua constituição depende das relações sociais, culturais e históricas nas quais está inserido. Dessa maneira, os processos de subjetivação corporal são produzidos pela interação entre experiências pessoais e contextos coletivos.

A perspectiva complexa também contribui para compreender os desafios contemporâneos relacionados ao corpo, como padrões estéticos, sofrimento psíquico, desigualdades sociais, identidade de gênero e influência das tecnologias digitais. Esses fenômenos não podem ser explicados por uma única causa, pois resultam da interação entre múltiplos fatores.

Ubiratan D'Ambrosio e a integração dos saberes

Ubiratan D'Ambrosio (1997) contribui para a discussão transdisciplinar ao defender uma visão ampliada do conhecimento, valorizando o diálogo entre ciência, cultura, história e diferentes formas de saber. Sua proposta de transdisciplinaridade está relacionada à compreensão de que os conhecimentos humanos são

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

produzidos em contextos culturais específicos e não podem ser separados das experiências sociais.

Para D'Ambrosio (1997), a construção do conhecimento envolve dimensões cognitivas, sociais, culturais e éticas. O conhecimento não é apenas uma produção racional e objetiva, mas também resultado das experiências humanas e das relações estabelecidas entre sujeitos e comunidades.

Essa perspectiva é importante para compreender o corpo como fenômeno cultural. Os modos de vestir, alimentar-se, movimentar-se, expressar emoções e relacionar-se corporalmente são construídos dentro de contextos históricos e sociais. Assim, diferentes culturas produzem diferentes formas de compreender e vivenciar a corporeidade.

A contribuição de D'Ambrosio (1997) amplia a compreensão do corpo ao reconhecer que não existe uma única maneira universal de experienciá-lo. As práticas corporais são atravessadas por valores, crenças, conhecimentos tradicionais e formas específicas de organização social.

Pierre Weil e a visão integral do ser humano

Weil (1995) apresenta importante contribuição para a transdisciplinaridade ao defender uma compreensão integral do ser humano, articulando corpo, mente, emoções, relações sociais e consciência. Sua obra aproxima-se das perspectivas humanistas e psicocorporais ao enfatizar a necessidade de superar a fragmentação entre diferentes dimensões da experiência humana.

Para Weil (1995), a educação e o desenvolvimento humano devem considerar a totalidade do indivíduo. O corpo não deve ser separado da inteligência, das emoções e da dimensão relacional, pois todas essas dimensões participam da construção da subjetividade.

Essa abordagem dialoga diretamente com os estudos da corporeidade, pois reconhece o corpo como espaço de experiência, comunicação e transformação. A consciência corporal torna-se um caminho para ampliar o autoconhecimento e favorecer relações mais equilibradas consigo mesmo e com o mundo.

A comunicação não verbal, analisada por Weil e Tompakow (1993), demonstra que o corpo expressa conteúdos emocionais e relacionais que ultrapassam a linguagem verbal. Essa compreensão reforça a ideia de que o corpo é uma forma de conhecimento e não apenas um objeto de estudo.

Roberto Crema e a abordagem holística da consciência humana

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

Roberto Crema (1989) contribui para o pensamento transdisciplinar ao defender uma visão holística do ser humano, baseada na integração entre ciência, filosofia, espiritualidade e experiência subjetiva. Para o autor, a crise contemporânea do conhecimento está relacionada à fragmentação excessiva dos saberes e à perda de uma visão integral da existência.

A abordagem holística proposta por Crema (1989) reconhece que o ser humano possui múltiplas dimensões interligadas. A compreensão da saúde, da educação e do desenvolvimento pessoal exige considerar aspectos físicos, emocionais, sociais, culturais e espirituais.

No campo da corporeidade, essa perspectiva permite compreender o corpo como um sistema vivo de relações, experiências e significados. O corpo não é apenas matéria, mas também expressão da história individual, das relações estabelecidas e dos sentidos atribuídos à própria existência.

Américo Sommerman e a epistemologia transdisciplinar

Sommerman (2006) constitui uma referência importante na sistematização da transdisciplinaridade no contexto brasileiro. Seus estudos enfatizam a necessidade de superar a fragmentação entre ciência, filosofia, arte, espiritualidade e diferentes formas de conhecimento.

Para Sommerman (2006), a transdisciplinaridade representa uma nova atitude diante do conhecimento, baseada no diálogo, na abertura e no reconhecimento da complexidade da realidade. Essa perspectiva implica uma transformação não apenas metodológica, mas também ética, pois envolve uma nova forma de compreender o ser humano e sua relação com o mundo.

No estudo do corpo e da subjetividade, a abordagem de Sommerman (2006) contribui para integrar diferentes perspectivas sem reduzir uma dimensão à outra. O corpo pode ser compreendido simultaneamente como organismo, experiência, cultura, símbolo e campo de relações.

A transdisciplinaridade e os corpos contemporâneos e suas diversidades

A partir das contribuições desses autores, a transdisciplinaridade apresenta-se como uma abordagem fundamental para compreender os corpos contemporâneos e seus processos de subjetivação. O corpo atual encontra-se atravessado por múltiplas forças: discursos científicos, tecnologias digitais, padrões culturais, relações econômicas, experiências emocionais e práticas sociais.

Uma análise exclusivamente biológica não é suficiente para compreender fenômenos como imagem corporal, sofrimento psíquico, identidade de gênero, consumo, exposição digital ou processos de exclusão social. Da mesma forma,

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

uma análise apenas sociológica ou psicológica seria insuficiente para abarcar a complexidade da experiência corporal.

A perspectiva transdisciplinar permite integrar essas diferentes dimensões, reconhecendo que o corpo humano é simultaneamente natureza e cultura, indivíduo e sociedade, materialidade e subjetividade. Essa compreensão amplia as possibilidades de intervenção nas áreas da educação, saúde, psicologia e desenvolvimento humano.

Nesse sentido, a transdisciplinaridade não representa apenas uma metodologia de pesquisa, mas uma forma de compreender a realidade. Ela propõe uma ciência mais dialógica, ética e integrada, capaz de reconhecer a complexidade dos sujeitos e dos fenômenos humanos.

Assim, ao analisar os corpos e os modos de subjetivação sob um olhar transdisciplinar, torna-se possível compreender que o corpo não é apenas aquilo que possui uma existência física, mas também aquilo que produz sentidos, estabelece relações, comunica experiências e participa da construção das identidades humanas. O corpo constitui, portanto, um território complexo no qual se encontram história, cultura, poder, conhecimento e possibilidade de transformação, onde as diversidades de corpos coexistem e coabitam (MOSCHETA,2011).

4 Resultados e Discussões

A análise qualitativa da literatura selecionada evidenciou que o corpo, enquanto categoria de investigação, ultrapassa significativamente sua compreensão restrita como estrutura biológica, revelando-se como um fenômeno complexo constituído por dimensões históricas, culturais, sociais, políticas, psicológicas e simbólicas. Os estudos analisados demonstram que a corporeidade representa um espaço privilegiado de produção de sentidos, identidades e subjetividades, sendo continuamente atravessada por discursos, práticas sociais, relações de poder e experiências individuais.

Os resultados da pesquisa bibliográfica indicam que a compreensão do corpo na contemporaneidade exige uma ruptura com perspectivas fragmentadas que tradicionalmente separaram corpo e mente, indivíduo e sociedade, natureza e cultura. A partir dos referenciais analisados, especialmente das contribuições de Foucault, David Le Breton, JButler, Beauvoir, Louro, Morin e Nicolescu, evidencia-se que o corpo constitui uma construção dinâmica, produzida nas relações estabelecidas entre sujeitos, instituições e contextos históricos.

Um dos principais resultados identificados refere-se à compreensão do corpo como território de processos de subjetivação. A análise foucaultiana demonstrou que os corpos são produzidos por mecanismos de poder que atuam por meio de

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

instituições, discursos científicos, normas sociais e práticas disciplinares. O poder, nesse sentido, não atua somente pela repressão, mas pela produção de modos de ser, pensar e agir. Os indivíduos incorporam determinadas normas corporais e passam a regular seus próprios comportamentos, tornando-se participantes dos processos de controle e organização social.

Essa perspectiva torna-se especialmente significativa na sociedade contemporânea, na qual novas formas de vigilância e controle corporal emergem por meio das tecnologias digitais, das redes sociais e dos discursos relacionados à produtividade, saúde e estética. A análise de Han evidencia que o sujeito atual não é apenas disciplinado por instituições externas, mas também submetido a uma lógica de autoexploração, na qual o próprio indivíduo transforma seu corpo em projeto permanente de aperfeiçoamento.

Os resultados apontam que a cultura do desempenho produz uma relação ambígua com o corpo. Por um lado, observa-se maior valorização do cuidado corporal, da saúde e da qualidade de vida; por outro, intensificam-se cobranças relacionadas à aparência, produtividade, juventude e sucesso individual. Essa contradição pode contribuir para experiências de sofrimento psíquico, especialmente quando os sujeitos não conseguem corresponder aos padrões corporais idealizados socialmente.

A investigação também evidenciou que corpo, gênero e sexualidade constituem dimensões profundamente relacionadas aos processos de construção identitária. As contribuições de Simone de Beauvoir demonstram que os papéis atribuídos às mulheres não são determinados exclusivamente pela biologia, mas construídos por processos históricos e culturais. Essa compreensão rompe com concepções naturalizadas sobre gênero e permite analisar como os corpos são educados e regulados socialmente.

A partir de Butler, verificou-se que as identidades de gênero são produzidas por práticas reiteradas e normas sociais que definem quais corpos são reconhecidos como legítimos. O conceito de performatividade evidencia que gênero não corresponde a uma essência fixa, mas a um processo contínuo de construção. Dessa forma, os corpos tornam-se espaços de disputa simbólica e política, nos quais normas sociais podem ser reproduzidas ou questionadas.

As contribuições de Louro ampliam essa discussão ao evidenciar o papel das instituições educativas na produção das identidades corporais. Os resultados indicam que a escola, enquanto espaço socializador, participa da construção de modos de ser e compreender os corpos, reproduzindo determinadas normas, mas também podendo constituir espaço de resistência, inclusão e transformação social.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

Outro resultado relevante refere-se à influência da sociedade de consumo e da cultura digital na construção da imagem corporal. A análise de Jean Baudrillard e Guy Debord demonstrou que o corpo contemporâneo tornou-se fortemente associado à imagem, ao consumo e à visibilidade. O corpo passa a funcionar como signo social, comunicando valores, estilos de vida e pertencimentos.

Nesse contexto, as redes sociais intensificam a exposição dos corpos e ampliam os processos de comparação social. As imagens corporais compartilhadas digitalmente frequentemente apresentam versões idealizadas da realidade, produzindo expectativas e padrões difíceis de alcançar. Os resultados indicam que essa dinâmica pode interferir na construção da autoestima, da identidade corporal e da saúde mental, especialmente entre sujeitos submetidos constantemente à avaliação social.

A análise das representações sociais, fundamentada em Moscovici, revelou que as concepções sobre corpo, beleza, saúde e normalidade são construídas coletivamente. As representações sociais orientam comportamentos e influenciam a forma como os indivíduos interpretam seus próprios corpos. Dessa maneira, os padrões corporais não são apenas escolhas individuais, mas expressões de valores e discursos compartilhados socialmente.

Os estudos sobre imagem corporal, especialmente a partir de Schilder, demonstraram que a relação do sujeito com seu corpo envolve aspectos perceptivos, emocionais e sociais. A imagem corporal constitui uma construção dinâmica influenciada pelas experiências pessoais e pelo ambiente cultural. Os resultados indicam que conflitos relacionados à imagem corporal podem estar associados a processos de sofrimento psicológico, insegurança e dificuldades de reconhecimento de si.

As abordagens psicocorporais de Wilhelm Reich e Alexander Lowen acrescentaram uma dimensão importante à análise ao demonstrar que o corpo também expressa experiências emocionais e histórias subjetivas. A pesquisa evidenciou que sentimentos, conflitos e experiências de vida podem manifestar-se por meio de tensões corporais, padrões respiratórios e formas de movimentação. Essa compreensão amplia o olhar sobre a saúde mental ao considerar o corpo como participante ativo dos processos emocionais.

As contribuições de Pierre Weil, Roland Tompakow e Thérèse Bertherat evidenciaram ainda que o corpo constitui uma forma de comunicação e conhecimento. Os resultados indicam que a linguagem corporal, os gestos, as posturas e as sensações corporais participam da construção das relações humanas e do desenvolvimento da consciência de si. A corporeidade, nesse sentido,

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

representa uma dimensão fundamental dos processos educativos, terapêuticos e sociais.

A análise integrada dos autores demonstra que o corpo contemporâneo encontra-se atravessado por múltiplas forças. Ele é simultaneamente objeto de controle e espaço de resistência; alvo de consumo e possibilidade de expressão; instrumento de desempenho e lugar de experiência subjetiva. Essa ambivalência revela a complexidade dos processos de subjetivação corporal.

Nesse aspecto, a perspectiva transdisciplinar mostrou-se fundamental como resultado epistemológico da pesquisa. As contribuições de Nicolescu, Morin, D'Ambrosio, Weil, Crema e Sommerman evidenciam que fenômenos complexos, como corpo e subjetividade, exigem articulação entre diferentes campos do conhecimento.

A análise demonstrou que a transdisciplinaridade não representa apenas uma estratégia metodológica, mas uma mudança na forma de compreender o ser humano. Ao integrar diferentes saberes, torna-se possível reconhecer o corpo como uma realidade multidimensional, envolvendo aspectos biológicos, psicológicos, culturais, sociais, históricos e éticos.

Os resultados também indicam implicações importantes para a Educação, Psicologia e áreas relacionadas ao cuidado humano. Uma compreensão ampliada do corpo favorece práticas mais inclusivas, capazes de reconhecer diferenças, respeitar singularidades e promover relações mais humanizadas. No campo educacional, essa perspectiva contribui para superar práticas que reduzem o corpo à disciplina, ao desempenho ou à aparência, valorizando-o como dimensão constitutiva da aprendizagem e da formação integral.

Na área da saúde mental, a abordagem transdisciplinar possibilita compreender o sofrimento relacionado ao corpo não apenas como questão individual, mas como fenômeno influenciado por fatores sociais, culturais e históricos. Questões como insatisfação corporal, ansiedade, padrões estéticos rígidos e dificuldades de identidade precisam ser analisadas considerando a complexidade das experiências humanas.

Dessa forma, os resultados desta pesquisa confirmam a hipótese de que os corpos são construídos e transformados por múltiplos processos sociais, culturais e subjetivos. O corpo não é uma realidade passiva submetida às influências externas, mas um espaço ativo de produção de sentidos, resistência e criação de novas formas de existência.

A discussão desenvolvida evidencia que compreender os modos de subjetivação corporal na contemporaneidade requer reconhecer a interdependência

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

entre poder, cultura, identidade, tecnologia, emoções e conhecimento. O olhar transdisciplinar possibilita uma leitura mais ampla e integrada do corpo humano, contribuindo para novas formas de pensar a educação, a saúde, as relações sociais e a própria condição humana.

Assim, os resultados reforçam a necessidade de uma abordagem ética e complexa sobre os corpos, considerando sua diversidade, historicidade e capacidade de transformação. O corpo, compreendido em sua totalidade, constitui um dos principais territórios onde se produzem experiências, identidades e possibilidades de construção de novos modos de existir.

5 Considerações Finais

O presente artigo, intitulado “Corpos e modos de subjetivações: um olhar transdisciplinar**”**, teve como objetivo analisar o corpo enquanto fenômeno complexo, compreendendo-o para além de sua dimensão biológica e reconhecendo sua constituição histórica, social, cultural, psicológica, política e simbólica. A investigação partiu do pressuposto de que os corpos são produzidos e significados por diferentes práticas sociais, discursos e relações de poder, participando diretamente dos processos de construção das subjetividades contemporâneas.

A partir do problema de pesquisa, compreender de que maneira os corpos são constituídos e atravessados por processos de subjetivação em diferentes contextos históricos, sociais e culturais, foi possível identificar que o corpo não representa uma realidade fixa ou isolada, mas um território dinâmico no qual se articulam experiências individuais e coletivas. Os estudos analisados demonstraram que a corporeidade é construída nas relações entre sujeito, sociedade, cultura, instituições e saberes.

Os objetivos propostos foram alcançados ao evidenciar que a compreensão do corpo exige uma perspectiva interdisciplinar e transdisciplinar. A análise dos referenciais teóricos demonstrou que diferentes áreas do conhecimento contribuem para revelar a complexidade da experiência corporal. A História, Filosofia, Psicologia, Antropologia, Sociologia, Educação e os estudos culturais apresentam perspectivas complementares para compreender como os corpos são educados, regulados, representados e vivenciados.

As contribuições de Foucault permitiram compreender o corpo como espaço de inscrição das relações de poder e dos processos de subjetivação. O corpo é atravessado por práticas disciplinares e mecanismos de normalização que definem padrões de comportamento, aparência e identidade. Entretanto, a análise também evidenciou que os corpos não são apenas objetos de controle, mas espaços de resistência e produção de novas possibilidades de existência.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

As discussões sobre gênero e sexualidade, fundamentadas em Simone de Beauvoir, Butler e Louro, demonstraram que as identidades corporais não podem ser compreendidas como determinadas exclusivamente pela natureza biológica. Os corpos são produzidos por processos históricos, culturais e educativos que estabelecem normas, classificações e expectativas sociais. Essa compreensão contribui para ampliar o debate sobre diversidade, inclusão e reconhecimento das múltiplas formas de existência corporal.

A análise da sociedade de consumo e da cultura digital, a partir de Baudrillard, Debord, Bauman e Han, revelou que o corpo contemporâneo encontra-se inserido em uma lógica de exposição, desempenho e valorização da imagem. A cultura digital ampliou as possibilidades de expressão corporal, mas também intensificou mecanismos de comparação, vigilância e busca por padrões idealizados. Tal cenário evidencia a necessidade de uma reflexão crítica sobre os impactos dessas práticas na construção da identidade e na saúde mental.

As contribuições da Psicologia e das abordagens corporais, especialmente por meio de Moscovici, Schilder, Reich e Lowen, demonstraram que a relação do sujeito com seu corpo envolve dimensões emocionais, simbólicas e sociais. A imagem corporal, as representações sociais e as experiências inscritas no corpo revelam que a corporeidade participa ativamente dos processos de subjetivação e da constituição da identidade.

As discussões sobre comunicação não verbal e consciência corporal, fundamentadas em Weil, Roland Tompakow e Thérèse Bertherat, reforçaram a compreensão do corpo como linguagem e como forma de conhecimento. O corpo comunica experiências, emoções, memórias e relações, constituindo uma dimensão essencial da existência humana.

Nesse percurso, a transdisciplinaridade apresentou-se como fundamento epistemológico indispensável para compreender a complexidade corporal. As contribuições de Nicolescu, Morin, D'Ambrosio, Weil, Crema e Sommerman demonstraram que os fenômenos humanos não podem ser analisados por perspectivas fragmentadas. O corpo exige uma abordagem capaz de integrar diferentes níveis de realidade e diferentes formas de conhecimento.

A pesquisa evidenciou que a abordagem transdisciplinar amplia as possibilidades de compreensão dos corpos e dos modos de subjetivação ao reconhecer a interdependência entre natureza e cultura, indivíduo e sociedade, razão e emoção, ciência e experiência. Essa perspectiva contribui para superar modelos reducionistas e construir práticas mais humanizadas nos campos da educação, saúde, psicologia e desenvolvimento humano.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

Em termos de relevância curricular, a disciplina “Corpos e modos de subjetivações: um olhar transdisciplinar” apresenta elevada importância acadêmica e formativa, pois possibilita aos estudantes compreenderem o corpo como categoria fundamental para análise da sociedade contemporânea. Seus conteúdos articulam debates atuais relacionados à identidade, gênero, diversidade, saúde mental, cultura digital, relações de poder, educação e processos de inclusão social.

A inserção dessa temática no currículo favorece uma formação crítica, ética e sensível, preparando profissionais capazes de compreender o ser humano em sua integralidade. Ao abordar o corpo em suas múltiplas dimensões, a disciplina contribui para o desenvolvimento de uma visão ampliada sobre os sujeitos, valorizando suas experiências, diferenças e potencialidades.

Como contribuição científica, este estudo reforça a necessidade de pesquisas futuras que aprofundem as relações entre corporeidade, tecnologias digitais, educação, saúde mental e novas formas de subjetivação. A complexidade dos corpos contemporâneos exige investigações contínuas capazes de acompanhar as transformações sociais e culturais que modificam as formas de viver, perceber e significar a corporeidade.

Conclui-se, portanto, que o corpo constitui um dos principais territórios de produção da subjetividade humana. Ele carrega histórias individuais e coletivas, expressa relações de poder, comunica experiências, produz identidades e revela possibilidades de transformação. Um olhar transdisciplinar sobre os corpos permite compreender não apenas como os sujeitos são constituídos pelas sociedades em que vivem, mas também como podem criar novas formas de existência, resistência e humanização.

Assim, pensar os corpos e os modos de subjetivação significa reconhecer a complexidade do humano e afirmar a importância de uma ciência aberta ao diálogo entre diferentes saberes, capaz de compreender o sujeito em sua totalidade e em permanente processo de construção.

6 REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. *Guidelines for Psychological Practice with Sexual Minority Persons*. Washington, DC: APA, 2021.

BECKER, Howard S. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BAUDRILLARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

BAUMAN, Zygmunt. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENTHAM, Jeremy. *O panóptico*. Tradução de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BERTHERAT, Thérèse. *O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BERTHELOT, Jean-Michel. *Sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. São Paulo: n-1 edições, 2020.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

BUTLER, Judith. *Undoing Gender*. New York: Routledge, 2004.

CREMA, Roberto. *Introdução à visão holística: breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summus, 1989.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex. *University of Chicago Legal Forum*, Chicago, n. 1, p. 139-167, 1989.

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Transdisciplinaridade*. 2. ed. São Paulo: Palas Athena, 2009.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2014.

HAN, Byung-Chul. *A sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2007.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2011.

LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

LOWEN, Alexander. *O corpo em terapia: a abordagem bioenergética*. São Paulo: Summus, 1982.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O visível e o invisível*. Tradução de José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MEYER, Ilan H. Prejudice, Social Stress, and Mental Health in Lesbian, Gay, and Bisexual Populations: Conceptual Issues and Research Evidence. *Psychological Bulletin*, Washington, v. 129, n. 5, p. 674-697, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução de Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.

MOSCHETA, Murilo dos Santos. *A psicologia e a diversidade sexual: desafios contemporâneos*. São Paulo: Zagodoni, 2011.

MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2007.

CC BY

RSV
ISSN 2674-8584

Received: 03/07/2026 - **Accepted:** 01/08/2026
Vol: 08.08 - August
DOI: 10.66104/jmcamn92
Pages: 1-45

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. Tradução de Lúcia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.

REICH, Wilhelm. *Análise do caráter*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCHILDER, Paul. *A imagem corporal: as energias construtivas da psique*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SOMMERMAN, Américo. *Inter ou transdisciplinaridade? Da fragmentação disciplinar ao novo diálogo entre os saberes*. São Paulo: Paulus, 2006.

WEIL, Pierre. *A arte de viver em paz: por uma nova consciência e educação*. São Paulo: Gente, 1993.

WEIL, Pierre. *A consciência cósmica: introdução à psicologia transpessoal*. Petrópolis: Vozes, 1995.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal*. Petrópolis: Vozes, 2015.

CC BY